

# REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

REVISTA DO ENSINO

A' Biblioteca

Estado de Minas Gerais

## SUMÁRIO

**REDAÇÃO:** — O exemplo de uma vida. — **COLABORAÇÃO:** Orientações técnicas, *Aimoré Dutra*. — Para um futuro melhor na Assistência Social à Infância, *Dr. Heitor Montandon*. — Um estado sobre Jornais Escolares, *Anita Fonseca*. — **TRANSCRIÇÕES:** A História Maravilhosa da Vida (União Brasileira Pró-Temperança) — Meu credo Pedagógico, *John Dewey*. — Progresso do Ensino para Adultos nos Estados Unidos

# REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

VOLUME II

2.º SEMESTRE DE 1947

★

BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

BRASIL

HOMENAGEM DE "REVISTA DO ENSINO"



Raimundo Felicissimo de Paula Xavier

# Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação



## O exemplo de uma vida

Constituiu acontecimento no seio do funcionalismo público mineiro a inauguração de retrato de antigo servidor do Estado, a 12 de março p. passado, no gabinete do Secretário da Educação.

A homenagem recaiu na pessoa do Sr. Raimundo Felicíssimo de Paula Xavier, figura veneranda de cidadão, que deu a Minas Gerais toda uma vida ativa, de mais de meio século de bons serviços.

O ato que colocou o retrato de Raimundo Felicíssimo no salão nobre da Secretaria da Educação, onde se encontra a Galeria dos Secretários, visou, certamente, a fixar um alto padrão de mérito, apontando exemplo a ser imitado pelos que escolheram a carreira que o homenageado tanto soube dignificar.

Publicamos, a seguir, o discurso proferido pelo Sr. Raimundo Felicíssimo na presença das mais altas personalidades do Governo — Interventor e Secretários de Estado, e nêle veremos a serena simplicidade com que um brasileiro apresenta o relato de seu trabalho na construção de uma grande Pátria. E hem vemos o quanto Minas e o Brasil ficam a dever a cidadãos como êsse, cuja inteligência, dedicação e senso exato do dever fizeram de seu nome um símbolo do perfeito funcionário público.

"Sr. Secretário:

Quando v. excia., com a elegância do seu feito, com a fidalguia dos seus sentimentos, me revelou seus propósitos, tão espontâneos a generosos, de inaugurar o meu retrato neste gabinete, por haver eu exercido, mais de uma vez, o

cargo de Secretário de Estado da Educação e Saúde Pública, confesso, sr. Secretário, que achei essa prova de distinção muito acima do meu merecimento!

Como dos mais modestos e obscuros servidores do Estado que mourejaram nesta Repartição, compreendi que, no seu ânimo, mais influíram a simpatia e a sincera amizade com que sempre me honrou, que as fraquíssimas razões para tão alta homenagem!

Assim, procurei dissuadi-lo de sua delicada e cativante lembrança, afirmando-lhe como ainda afirmo, com toda sinceridade, que mais, e tão somente por ela que pela sua realização, o meu agradecimento a v. excia., já era o mais vivo, o mais íntimo, o mais profundo.

Entretanto, resoluta e irredutível, pegou-me v. excia., ouvindo e, descendo piedosamente ao cemitério dos burocratas, exumou a múmia do velho diretor geral, para colocá-la com toda a sua insuficiência, ao lado dos legítimos homens de Estado que por aqui transitaram, operando assim o milagre de minha ressurreição nesta casa!

O que, porém, me anima e muito me envaidece é saber que em breve terá v. excia., de vir também ficar ao meu lado, guardando, defendendo e admirando a sua descoberta paleontológica!

E' admirável, sr. Secretário, que, absorvido por tantos transcendentes problemas do máximo interesse de sua pasta, a muitos dos quais já deu pronta e inteligente solução, ainda lhe sobre espaço, para lembrar-se, e cuidar com o mesmo amor e carinho, até das coisas de menor relevância!

Assim, pois, seja feita a sua vontade: se honra não se pede, honra não se recusa!

Nesta galeria, eu poderia mais propriamente figurar, não direi como Secretário de Estado que o fui transitariamente, mas como o funcionário que maior tempo de serviço prestou à causa da instrução pública, como se vê dos seguintes ligeiros traços de minha vida:

Em julho de 1888, com 21 anos incompletos, iniciei minha carreira no serviço público, como professor da Com-

panhia dos Menores Aprendizes Militares do Exército, aquela época aquarelada em Ouro Preto.

Proclamada a República e dissolvida a Companhia, fui nomeado pelo Chefe do Governo Provisório da República, o generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, almoxarife do hospital militar do Exército, cujas funções bem logo deixei, para assumir as de amanuense da primitiva Inspetoria Geral da Instrução Pública, para a qual já eu havia sido nomeado pelo venerando e saudoso conselheiro Frederico Augusto Alvares da Silva, então governador do Estado.

Convertidas, pela lei n. 6, em três Secretarias de Estado todas as repartições públicas provinciais, transferiram-me, como segundo oficial, para a do Interior, onde nunca me desviei dos trabalhos afinentes ao ensino.

Nessa Secretaria atingi todos os postos, até o de chefe de secção, o último outrora da carreira burocrática.

Ora como oficial de gabinete, ora como auxiliar particular, colaborei com todos os secretários de Estado, desde o primeiro até o dr. Francisco Campos, tendo sido, por duas vezes, oficial de gabinete do Presidente.

No governo João Pinheiro, porém, fui desligado do gabinete do Secretário e encarregado da organização e chefia dos serviços de grupos escolares, inspecção técnica do ensino e estatística escolar, serviços esses que bem depressa constituíram três secções distintas, das mais movimentadas.

Voltando a superintender a pasta do Interior o saudosíssimo estadista dr. Delfim Moreira, voltei também, a seu chamado, ao meu antigo lugar no seu gabinete, no qual me mantiveram todos os seus sucessores, o último dos quais foi o grande juriconsulto dr. Francisco Campos.

Nomeado diretor geral da Secretaria da Educação e Saúde Pública, em janeiro de 1928, pelo grande estadista presidente Antônio Carlos, exerci o cargo, durante quase 10 anos, sendo nele aposentado, com 70 anos de idade e cinquenta de serviço líquido.

Do fato tão raro, ou antes tão singular nesta Secretária, de um funcionário trabalhar mais de 16 anos, além do tem-

po que a lei lhe exigia, resultou considerável economia para o Estado que, em caso contrário, teria tido dobrada despesa, durante aquêlê período, pagando vencimentos iguais — ao aposentado e ao seu sucessor.

Diante dessa pequenina história e da abnegação com que servi ao Estado, o de que muito me ufano, vê-se claramente que a maior parte de minha longa vida foi consumida nos serviços da instrução pública. E é por isso que, de consciência tranqüila, assisto a esta solenidade com que v. excia., tanto me eleva e me deslumbra.

Que belo conforto me traz v. excia., quando, ao péso dos meus oitenta anos, já estou beijando a terra, cambaleando à beira do túmulo!

Que mais me resta, Sr. Secretário, e o que poderia eu dizer?... Nada. Absolutamente nada, além do muito mais que o meu coração lhe ficará sempre falando no seu profundo e eloqüente silêncio!

A v. excia., pois, que há muito tem altar neste velho coração, e ao Exmo. Sr. Dr. Alcides Lins, nosso íntegro e eminente Interventor Federal, que tão tranqüilos e risonhos dias trouxe a Minas Gerais, em cuja história política o seu nome já está gravado — minha infinita gratidão”

★

### Aviso aos Professores e Assinantes

Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a “Revista do Ensino” não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.

## Orientações técnicas

AIMORÉ DUTRA

Temos observado, nas nossas aulas de geografia certo desvio metodológico bastante prejudicial quanto ao valor das medidas de distância e área, assim como quanto à nomenclatura de acidente vulgares, de termos correntios no cômputo popular de valores econômicos, tais como — *lêgoa, alqueire, hectare, braça, grota, bocaina*, etc etc.

Ainda, existe a tendência natural da mistura das velhas medidas com as novas. Essa particularidade é um aspecto muito importante da geografia aplicada à economia rural, — mesmo porque comerciamos intensamente com países que usam sistema de pesos e medidas diferente do nosso.

Ora, conquanto o sistema métrico seja um ensino de grande amplitude, há nêle aspectos aproveitáveis e viáveis, metodologicamente, mesmo para as crianças de primeiro ano.

Nas classes mais avançadas os alunos devem ter noções conscientes e materiais dos dados das questões. Nada adianta conversar em lêgoas, quilômetros etc; se não está habituado a avaliar, a olho, as distâncias do seu convívio — isto é; quantos quilômetros haverá da praça tal ao sítio tal. Em linha reta qual poderá ser a distância aproximada entre a matriz e o correio; qual a largura da ponte, qual o seu comprimento. Quantas telhas haverá na coberta do galpão do grupo ou no telhado da casa de escola. Poderá parecer que isso é, já, aritmética ou geometria e não geografia. E' que essas disciplinas, para terem eficiência metodológica, se entrelaçam muitas vezes e muitas vezes se entretecem.

Além das falhas apontadas, outras aparecem: é raro o nosso menino de 4.º ano capaz de ler um mapa e, pela sua escala e convenções, dizer as distâncias entre os acidentes — o curso das águas, os portos, a extensão das estradas.

Convém se focalizem êsse aspectos do ensino da Geografia, objetivando-se as suas correlações com as medidas métricas mais freqüentes no convívio das crianças, pouco importando sejam os alunos atrasados ou adiantados — porque até as crianças de cinco anos e as pessoas analfabetas jogam, — por exemplo, — com o cruzeiro e com o quilo que são aplicações mais ou menos transcendentais de princípios de economia.

As excursões escolares são excelentes subsídios para o ensino de geografia aplicada. Elas ensinam distâncias, acidentes, valores de regiões pelo aspecto da vegetação pela fisionomia flagelada ou protegida dos tratos de terra lambidos ou mordidos pela erosão ou ainda fertilizados pelas dádivas da topografia e da natureza, além de pelo esforço diligente do trabalho humano.

É conveniente, entretanto que sejam planejadas com cuidado e critério objetivos.

*Língua pátria* — Deve ser constante preocupação de quem ensina língua pátria cuidar das duas operações fundamentais do espírito na arte difícil de apreender os fenômenos da vida e transmiti-los, pela linguagem oral ou escrita, o mais perfeitamente possível, a outrem. Assim sendo, não há como treinar o educando na técnica de bem observar para bem transmitir. Temos bem patente que uma boa redação pode não veicular uma boa verdade e que, por isso mesmo, podemos encontrar textos de impecável expressão e de duvidosa observação; filigranas de peregrina beleza literária, com exuberância de matices gramaticais variadíssimos, mas de uma banalidade desconfortadora quando lhes buscamos o sentido, a coerência e a realidade.

A primeira coisa a habituar-se o educando é, pois, quanto à observação.

Na leitura, fazer com que o educando aprenda a surpreender os defeitos e os senões do pensamento de quem escreve, — antes de se preocupar com as regras e preceitos gramaticais da redação.

Suponhamos que se peça ao aluno determinar os erros do seguinte trecho:

*"No deserto amplo e ameaçador das solidões africanas o viajor alegra-se ao ouvir o canto longínquo do sabiá saudoso ou o grito estridente da araponga arisca, porque sabe que encontrou o repouso, o recurso e o abrigo de um oasis salvador".*

Pelos conhecimentos que o menino precisa e deve ter da ave-fauna, — principalmente se é um aluno de 3.º ou 4.º ano, — ele verá logo que o trecho está errado quanto a observação porque o sabiá e a araponga são pássaros essencialmente brasileiros e não dos desertos africanos. Essa descoberta pode valer muito mais que uma demonstração formal de todos os mecanismos de análise taxionômica ou lógica.

Praticamente, portanto, êsses resultados são muito mais preciosos que as composições derramadas, cheias de pretensões de estilo, de repuxados de regência, de riqueza de sinonímia, mas vazias de concisão, de sentido, de lógica, de realidade e, conseqüentemente, de sinceridade e de vida.

Precisamos entrar no terreno sadio e revolucionário das *impressões reais* e não das *expressões banais*.

AIMORÉ DUTRA

## Para um futuro melhor na Assistência Social á Infancia

(Palestra proferida nas comemorações da "Semana da Criança" em Araxá)

DR. HEITOR MONTANDON

As comemorações da "Semana da Criança" contam com a colaboração de tôdas as classes, tôdas as profissões e todos os credos. E a infância bem o merece e faz jus ao apóio moral e material da humanidade adulta, da qual ela representa o rebento promissor de sua continuidade e de seu aperfeiçoamento.

Projeto de gente no meio social, botão nascente no jardim da humanidade, a criança irradia encanto no presente, esperança no futuro e fé na continuação das conquistas que a Humanidade vem realizando no terreno da civilização, e que a conduzirá a um elevado teor de aperfeiçoamento físico, moral e intelectual.

Dia a dia, no conceito das sociedades, vai se arraigando cada vez mais a necessidade de amparar a criança em tôdas as fases de sua evolução, antes e depois de nascida, desde seu estágio no ventre materno até seu desenvolvimento para a adolescência.

Não foi, porém, sempre, assim!

Há cerca de dois mil anos, quando a semente da doutrina democrática ainda não tinha sido lançada pelo Filósofo de Nazaré, era desconhecido ou mal cultivado o amor pelo pequenino ser, que vinha ao mundo desamparado.

Se a natureza o produzia débil, era êle eliminado nas *rochas tarpéias* dos países bárbaros; e, quando forte, era frequentemente excluído para os sacrifícios aos deuses pagãos.

Reza a tradição que, um dia, estando o Nazareno repousando à sombra de frondoso carvalho, seus apóstolos procuravam afastar dêle um bando gárrulo de crianças atraídas pela sua figura inconfundível.

Ele, então, falou, na sua voz carinhosa: "*Sinite parvulos venire ad me.*"

— "Deixai as crianças virem a mim".

Essa foi a primeira carícia que recebeu a Infância, carícia transmutada em pólem de amor e caridade, que se espalhou pelo mundo, polvilhando corolas de outros corações, abertos para o bem.

Muito se tem feito em prol da criança; mas há muito ainda a fazer, no terreno das realizações positivas.

Por enquanto, estamos pouco além da fase literária dos conselhos, das sugestões da propaganda, externando uma sentimentalidade inútil, de inoperante platonismo.

Não basta dar conselhos, pregar teorias, estabelecer regras e ensinamentos, que mal chegam ao conhecimento de uma centésima parte das populações, e assim mesmo nem sempre exequíveis. Em todo caso, alguma coisa vai ficando de uma campanha de nobreza cívica e humanitária, como esta que principalmente os Médicos vêm fazendo a favor do erguimento de uma raça mal urdida e mal cuidada.

Cabe, em primeiro lugar, aos governos a tarefa de concretizar os ideais científicos, de pôr em prática as teorias e os ensinamentos médicos, para aplicação das regras, protetoras da eugenia racial. Para tanto deveriam ser preenchidas as lacunas existentes nos serviços públicos de Higiene e Profilaxia. Centros de Saúde, com seus Postos e Sub-Postos, Vacinatórios, Ambulatórios e outras assistências sanitárias, deveriam existir em todos os Municípios, não só pregando ou ensinando a Higiene e a Prevenção contra as moléstias, mas, também, agindo diretamente, realizando e

pondo em prática aquilo que se vem aconselhando e teorizando, no papelório burocrático.

Aos que seguem uma linha reta de egoísmo ignaro, a esses personagens afilantropicos que só cuidam do conforto próprio, a lei devia tirar, por meio de uma taxaço retilínea, uma quota-parte de suas avultadas rendas, em benefício da saúde do povo e da melhoria da raça brasileira em formação. Não estou pregando a indesejável doutrina comunista ou o unilateral socialismo, a favor dos preguiçosos ou dos adversos ao trabalho honesto. Estou, na verdade, pugnan-do pela justiça e pelo direito daqueles que mourejam sem descanso, mal obtendo de seus esforços um precário susten-to para o corpo combalido, nada lhes sobrando para com-bater a doença, quando esta lhes invade os lares, nem para as prevenções da higiene alimentar ou domiciliar. A esses, principalmente, pobres e ignorantes, mal alimentados e mal repousados, pasto das verminoses, do impulsadismo e do *barbeiro*, a esses segregados da sociedade e que impressio-naram o grande médico patricio Miguel Pereira, levando-o a proclamar que o "Brasil é um vasto hospital!"; a esses, em primeiro lugar, deve chegar o apóio dos Poderes Públicos, com o socorro do saneamento de seus "habitats" e a alfabeti-zação e cultura de seus filhos. Para isso, para promover a educação social dos filhos dos menos felizes, multipliquem-se as Escolas de Aprendizagem Agrícola e Industrial, os Li-ceus de Artes e Ofícios, o ensino gratuito em tôdas as suas modalidades, o que contribuiria em alto grau para o pro-gresso do País, com a revelação subânea de capacidades ocultas, de habilidades inatas, nos variados ramos de ati-vidades sociais. Isso contribuiria ainda, de modo prático e eficiente, para o povoamento idôneo das oficinas, das fá-bricas e das granjas, especializando operários instruídos e educados. Não resta dúvida que há exceções de filantropismo entre os miliardários do Brasil. Dentre esses — e não são muitos — destaca-se o vulto benemérito de Benjamim Guimarães, que imaginou e realizou a grande obra da Fa-zenda da Baleia, próximo a Belo Horizonte.

É a "Fundação" que tem seu nome, e que se compõe de vastos edifícios, destinados respectivamente à hospitali-zação e tratamento de crianças tuberculosas, pretuberculo-sas e desnutridas.

Ali recebem elas, além do tratamento médico completo e eficiente, a assistência moral e espiritual carinhosa, que conforta e eleva o ânimo dantes abatido e atribulado pela incerteza da sorte madrasta. Uma colônia de férias, vasta, hospitaleira, rodeada de pomares, jardins, piscinas e campos de esportes, com escolas, cinemas e oficinas para aprendi-zagem, dá conforto e alegria às crianças que ali se revem-zam, em estágio de diferente duração, conforme as exigên-cias de sua saúde ou as contingências de suas condições in-dividuais. Certo é que tôdas saem de lá com o vigor re-temperado, ou ali permanecem na condição de órfãos de-samparados, fruindo os benefícios do altruísmo de uma santa benemerência. Estes abrigos são instalados com to-dos os requisitos da ciência e o mais moderno aparelhamen-to, e têm lotação para perto de mil crianças, que ali rece-bem assistência cuidadosa e profícua, de abalizados médicos especializados. Benjamim Guimarães dispendeu de seu bôlso, nessa obra meritória, mais de 20 milhões de cruzeiros e vem despendendo anualmente mais de 1 milhão com seu custoio.

É com prazer que prestamos esta homenagem de gra-tidão ao benemérito patricio, para quem a melhor recom-pensa é aquela que decorre de um bem praticado, arejando a consciência e iluminando o sentimento íntimo.

Ele está velho, mas ainda forte e sadio, Deus lou-vado; a vida, porém, tem limites intransponíveis; e oxalá, quando ele subir ao céu nas asas das bênçãos de milhares de crianças que beneficiou, o Governô não deixe cobrir de urzes a estrada que Benjamim Guimarães iluminou com o facho de sua Caridade Cristã! Não somos, porém, descrentes; temos esperança no aprumo do progresso social, refletindo-se benéficamente na mentalidade dos dirigentes do País; e temos também fé no futuro redentor do Brasil.

Então, teremos assistência social completa e eficiente para os pequenos seres, futuros bandeirantes de novas civilizações. Poderemos ter em Araxá, como em outras Estâncias e cidades turísticas, além de diversões e estações de cura para os abastados, também fundações filantrópicas, com Sanatórios e colônias de férias repousantes e tonificantes, para a nossa gente pobre. A criança será protegida, terá cuidados prestados ao corpo, à alma e à inteligência. Ela já virá ao mundo livre de taras previstas pelo exame pré-nupcial, e isenta de anormalidades constitucionais, pela higiene pré-natal, esta em relação ao tratamento e alimentação da gestante, durante e após a gestação. Será facilitada às mães a aplicação dos preceitos de higiene pré-natal, a fim de que possam contornar os riscos do puerpério e, também, para que, tendo podido prevenir, não passem pela dor de perder os filhinhos, ou de assistir, apesar de tardios esforços, ao seu precário desenvolvimento de retardados.

Não sou, porém, ainda um desesperançado de melhores tempos para esta humanidade claudicante.

A bola de neve, que se despenha dos altos cimos, transforma-se, é certo, em avalanche destruidora; mas, vai por fim repousar no fundo do vale e aí se fundir, transformando-se em água cristalina e revigoradora.

Esse recuo moral da humanidade e essa loucura cósmica do homem modernizado terão seu fim; e o mundo em que vivemos se libertará um dia dessa influência psíquica, algo estranha e incompreensível, que o tem empolgado de meio século para cá.

Então, a humanidade, hoje desunida em rancoroso egoísmo, compreenderá que para ser feliz terá de prestar ouvidos à canção dos Anjos:

"Glória a Deus nas alturas, Paz na terra aos homens de boa vontade!"

DR. HEITOR MONTANDON

## Um Estudo sôbre Jornais Escolares

ANITA FONSECA

(Do Departamento de Educação)

### 1.ª PARTE

Com o propósito de melhor inteirar-se da situação atual dos jornais escolares de Minas, seu maior ou menor desenvolvimento, aspectos pedagógicos dignos de nota, o D. E. examinou 95 coleções de jornais escolares, abrangendo os anos de 1944 e 1945.

Para melhor apreciar essa interessante instituição, foram considerados os seguintes tópicos, que poderiam acentuar o maior ou menor valor dos jornais, tendo-se também em vista os característicos que apresentavam.

I) *Tipo*: impresso, mimeografado, dactilografado, manuscrito.

II) *Período de tempo em circulação*.

III) *Periodicidade*: semanal, quinzenal, mensal, bimestral, trimestral, semestral.

IV) *Regularidade na publicação*.

V) *Apresentação* (aspecto geral: limpeza, esmero, estética na colocação dos trabalhos, legibilidade e regularidade da letra nos trabalhos de tipo manuscrito, espaço e margens laterais, cabeçalho, legendas).

VI) *Conteúdo*: O conteúdo foi apreciado através dos assuntos contidos nos jornais, os quais foram assim subdivididos:



*Periodicidade* — Os jornais de publicação mensal representam 81% das coleções existentes; 7% são bimestrais e os restantes, em menor percentagem, se editaram: semanalmente — 1; quinzenalmente — 3; trimestralmente — 2, e semestralmente — 1. Cinco jornais não indicavam o período de circulação.

*Regularidade* — Quanto à regularidade na publicação, os jornais apresentaram bastante deficiência: apenas 17 se editaram regularmente em 1944 e 19, em 1945. Não explicam os professores os motivos dessa irregularidade. Entretanto, causas já apontadas, como dificuldades de impressão e outras, podem ter concorrido para que as edições não se fizessem nos períodos determinados.

*Apresentação* — Sob esse título, examinou o D.E. a parte física dos jornais: asseio, esmero, bom gosto, legibilidade, boa disposição dos trabalhos, ilustração, etc., tendo em vista, principalmente, os jornais manuscritos que são em maior número. A apreciação se fez sob as seguintes rubricas: ótima — muito boa — boa — sofrível — má. Os resultados foram os que se seguem:

Ótima — Muito boa — Boa — Sofrível — Má  
1 jornal — 6 jornais — 48 jornais — 35 jornais — 5 jornais

Dos jornais impressos, um único trazia impressão confusa, mal ordenada e prejudicial à leitura e à higiene da visão.

No tocante à parte física, os jornais manuscritos estão exigindo maior atenção, visto como a ela estão afetos o bom gosto, a estética, a higiene da leitura e a visão.

*Ilustração* — A ilustração está constituída principalmente de desenhos infantis, coloridos, entrando as gravuras e fotografias em pequeno número. Alguns jornais apresentaram mais de 60 desenhos no total dos números editados.

Entretanto, a percentagem de jornais ilustrados foi apenas de 32% sobre o total e de 50% sobre os manuscritos.

É justificável a carência de ilustrações nos jornais impressos, dado o custo elevado dos clichês. Os de tipo manuscrito, porém, podem e devem ser todos ilustrados. A opor-

lunidade que oferece essa atividade para o desenvolvimento da expressão por meio do desenho não deve ser desaproveitada. Admite-se o jornal impresso sem ilustração. Os manuscritos, sem elas, perdem muito de sua significação.

*Conteúdo* — Sob essa rubrica consideramos toda a matéria contida nos jornais, desde o simples registro social de aniversários, nascimentos, pequenos avisos e anúncios, etc., até as composições mais diversas, num total de 6.252 artigos.

Dêstes artigos, 851 se referiam às instituições escolares, obedecendo à seguinte distribuição:

Auditórios . . . . .	310
Excursões . . . . .	261
Clubes de leitura . . . . .	163
Outras instituições . . . . .	76
Horas de história . . . . .	24
Pelotão de saúde . . . . .	12
Liga da Bondade . . . . .	5

Sendo os auditórios e excursões atividades realizadas por todas as classes dos estabelecimentos, é natural que obtenham maior percentagem no noticiário escolar.

Por outro lado, os resultados demonstram que, exceto as três primeiras mencionadas, outras instituições são quase inexistentes em nossas escolas.

A Hora de Histórias que, pelo programa, se estende a todas as séries do curso, praticamente se vem realizando apenas na 1.ª e 2.ª séries.

As composições sobre diversos temas, trabalhos mais pessoais, mais espontâneos, se elevaram a 1.075, ocupando assim o primeiro lugar em frequência, no conteúdo dos jornais. Em segundo lugar estão as instituições escolares com 851 trabalhos. Em terceiro lugar vêm as histórias reproduzidas: 640; a seguir, as composições de gênero epistolar — cartas, bilhetes, telegramas: 402. O número de histórias inventadas foi 217; as poesias transcritas e originais — 78;

as biografias — 197; humorismo em prosa e verso — 95; descrição e interpretação de gravuras — 152.

Os mais variados assuntos constituíram os temas das composições infantis. Todavia, tiveram preponderância os seguintes: árvore, férias, passeios, Mês de Maria, primavera, "diários", e outros referentes à Natureza.

As notícias relativas ao estudo das matérias do programa fizeram parte do conteúdo dos jornais escolares num total de 619 artigos, dos quais 313 se referiam às Ciências Naturais, 196 à História do Brasil, 95 à Geografia e 15 à Língua Pátria.

A vida da escola foi também retratada através de trabalhos reproduzindo sua história, descrição do edifício ou de seus compartimentos; melhoramentos havidos, festas sociais, beneficentes e religiosas, mas em reduzida percentagem. Apenas o registro social de aniversários de alunos, professoras, visitas, etc., elevou-se a 377 notícias.

Sob o tópico "*Informações e notícias diversas*", foram publicados, em forma resumida, diferentes notícias de atividades realizadas e por realizar nas classes; donativos feitos à Caixa Escolar; registro do movimento desta e de outras instituições beneficentes, etc. Registraram-se 319 informações dessa natureza.

Em pequeno número encontrou-se matéria que foi examinada sob os tópicos seguintes: *Informações úteis* (45); *Perguntas, Charadas e Adivinhações* (140); *Máximas e pensamentos* (49); *Intercâmbio*, ou sejam notícias de jornais recebidos de outras escolas, correspondência e troca de informações entre alunos de nossas escolas e os de outros Estados (9); transcrição de artigos, geralmente trabalhos adultos (34).

Sobre a vida da localidade os jornais escolares publicaram 345 trabalhos assim distribuídos:

História . . . . .	17
Descrição . . . . .	36
Acontecimentos e festas cívicas . . . . .	47



8) — Histórias inventadas . . . . .	217
9) — Biografias . . . . .	197
10) — Interpretação e descrição de gravuras . . . . .	152
11) — Amenidades (Perguntas, charadas, adivinhações) . . . . .	140
12) — Cívismo . . . . .	113
13) — Perfis em prosa e verso . . . . .	87
14) — Avisos e anúncios . . . . .	84
15) — Poesias transcritas e originais . . . . .	78
16) — Humorismo em prosa e verso . . . . .	53
17) — Máximas e pensamentos . . . . .	49
18) — Notícias e informações úteis . . . . .	45
19) — Transcrição de trabalhos adultos (palestra, discursos, etc.) . . . . .	34
20) — Notícias do país . . . . .	17
21) — Idem, do estrangeiro . . . . .	11
22) — Ilustração, desenhos, gravuras e fotografias . . . . .	582

Os dados acima evidenciam que os jornais escolares retrataram a vida da escola em suas atividades diárias e, muito particularmente, registraram trabalhos pessoais dos educandos, tornando-se, dessa forma, veículo de expressão do pensamento infantil. Nêsse aspecto, cumpriram uma das suas principais finalidades.

A vida da localidade e principalmente a do país e do estrangeiro, pelo reduzido número de informações a respeito, parece que não interessaram ou preocuparam as crianças de curso primário, as quais, como é natural, se satisfizeram em ver publicados os próprios trabalhos e divulgadas as atividades de suas classes. Entretanto, os acontecimentos mais importantes da vida do país e do estrangeiro que possam ser compreendidos pelas crianças, merecem ser comentados em classe pelas docentes e noticiados nos jornais escolares.

Um dos pontos de interesse nos jornais é a variedade do seu conteúdo. Nêsse aspecto, as coleções, vistas em seu conjunto, satisfizeram essa condição, apresentando conteúdo variado e interessante, conforme se pôde apreciar através da

distribuição dos tópicos indicada anteriormente. Individualmente, porém, nenhuma coleção apresentou, em variedade, 100% dos assuntos que constituíram a matéria tratada no total das coleções. O recorde, em variedade, foi de 84%, e apenas um jornal o alcançou. A maioria das coleções (73) teve o seu conteúdo variando de 16% a 48%, e as 22 restantes alcançaram de 50% a 84% em variedade.

*Linguagem* — Outro aspecto que mereceu exame atento do D. E. foi a linguagem, a qual foi apreciada através da forma e correção dos trabalhos infantis.

Quanto à forma, foram notadas a *adulta* e a *infantil*. Muitos artigos demonstravam acentuado auxílio adulto, e não se podia classificá-los nem na 1.ª forma e nem na 2.ª.

A correção da linguagem foi examinada através do número de erros contidos nos trabalhos, assim classificados:

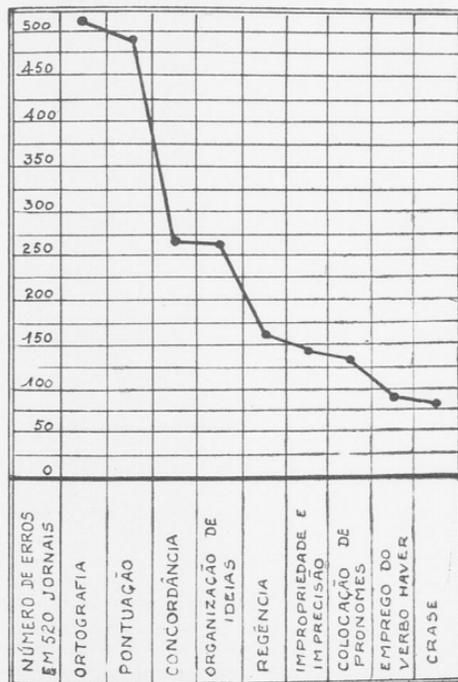
Organização das idéias . . . . .	262	(erros)
Impropriedade e imprecisão . . . . .	140	"
Concordância . . . . .	269	"
Crase . . . . .	81	"
Emprego do verbo haver . . . . .	99	"
Pontuação . . . . .	497	"
Colocação de pronomes . . . . .	128	"
Regência . . . . .	159	"
Ortografia . . . . .	519	"

Os erros acima foram os encontrados em todos os trabalhos contidos nos 520 exemplares de jornais examinados, ou sejam 6.252 artigos e se referem aos casos mais elementares e em conformidade com o desenvolvimento exigível em alunos de curso primário.

A maior percentagem de erros é de ortografia (519=8,3%), e que, até certo ponto, se justifica, por não se terem ainda fixado definitivamente as normas ortográficas, cumprindo ainda assinalar que esses erros foram mais frequentes justamente nos casos que ainda promovem controvérsias: os de acentuação de palavras. Em segundo lugar vêm os

## FREQÜÊNCIA DOS ERROS

ENCONTRADOS EM 520 JORNAIS  
OU SEJAM 6.252 TRABALHOS



de pontuação num total de 497 (7,9%). Em terceiro os de concordância em número de 269 (4,3%), seguindo-se os de organização das idéias, que tiveram a mesma freqüência. Os erros correspondentes às demais partes da Gramática acima citadas se apresentaram em cifras inferiores às já assinaladas.

Vistas no conjunto das publicações, estas cifras parecem insignificantes e levam a concluir que a linguagem dos escolares foi relativamente e apreciavelmente correta.

Considerados individualmente, porém, alguns jornais, felizmente em pequeno número, apresentaram mais de 100% de erros, seja por uma falsa interpretação do "respeito ao trabalho da criança", seja pelo descuido no aproveitamento da excelente oportunidade e das situações reais que oferece esta instituição, para que as crianças aprendam a escrever corretamente a língua-pátria.

O quadro abaixo mostra como se colocaram os jornais escolares em relação à correção da linguagem.

N.º de coleções		Freqüência de erros
6 coleções	—	0 . . . . . erros
63 "	—	1 a 25 " . . . . "
15 "	—	26 a 50 " . . . . "
8 "	—	50 a 100 " . . . . "
3 "	—	mais de 100 " . . . . "

Ainda no tocante à linguagem, 223 trabalhos se classificaram como de adultos e 374 revelaram auxílio adulto, além do necessário, correspondendo o primeiro caso a 3,5% da matéria publicada e o segundo a 5,8%. Não pesam estas cifras na totalidade dos jornais editados, cuja linguagem, em sua maioria, apresenta cunho infantil. Todavia, estão a indicar a necessidade de melhor compreensão da função educativa dos jornais escolares e o aproveitamento das oportunidades que oferecem para estimular no educando o esforço e a expressão própria.

O exame em aprêço permitiu ao D.E. chegar às seguintes conclusões:

- a) O número de jornais escolares declinou em nossas escolas no período 1944-1945.
- b) Os jornais revelaram certa involução quanto à forma, predominando o tipo manuscrito sôbre o impresso, em contraste com as estatísticas anteriores.
- c) A maioria não se editou com a regularidade desejável.
- d) Apenas 50% dos jornais manuscritos continham ilustrações e desenhos infantis.
- e) O conteúdo foi apreciavelmente variado e interessante.
- f) Os jornais divulgaram, preferencialmente, composições de alunos e notícias sôbre instituições escolares diversas atividades de classe retratando fielmente a vida da escola em seus diferentes aspectos.
- g) A linguagem foi predominantemente infantil e medianamente correta.

(A concluir-se no próximo número).

## 2.ª PARTE

Os jornais escolares são aceitos e reconhecidos pelo professorado como instituição de grande valor educativo. Portanto, o seu desaparecimento ou interrupção em muitas escolas, conforme se apurou do estudo feito, deve ter obedecido a motivos razoáveis para o caso dos jornais impressos; mas foi pouco justificável para os jornais manuscritos, que toda escola pode organizar.

Este fato, bem como a parte material e o conteúdo dos jornais examinados motivou reflexões, comentários e sugestões no sentido de se incentivarem e melhorarem as publicações infantis. Algumas interrogações formuladas após o exame das coleções, foram as seguintes:

a) Que tipo de jornal seria preferível nas escolas primárias? impresso ou manuscrito?

b) Oferece o jornal único maiores vantagens do que o jornal de classe?

Para responder à primeira pergunta faremos ligeiras considerações em tórno de alguns tipos de jornais escolares.

### *Jornal Falado*

É este considerado como o mais simples dos jornais escolares e sua característica predominante é a de ser apenas noticioso. Deve conter notícias interessantes, selecionadas dentre as melhores que os alunos colecionem. É excelente para o treino da dição e expressão oral. Convém a todos os graus do ensino, principalmente aos inferiores. Pode ser organizado semanalmente e *falado* para a classe ou em auditório.

Depois de conversarem os alunos sôbre a organização e os objetivos do jornal, elegem uma diretoria ou um chefe. Essa diretoria, com o auxílio da professora, elabora o plano de trabalho e recolhe as colaborações, as quais são anotadas pela professora ou pela diretoria e postas em ordem para serem facilmente lembradas. No dia do aparecimento do jornal, o diretor ou redator-chefe diz as notícias, avisos ou fatos principais e chama dois outros membros da diretoria para dizerem o resto. A audição do jornal não deve exceder de 10 minutos. Cada número poderá sair semanal ou quinzenalmente, renovando-se, também, nesse período, a diretoria do jornal.

### *Jornal Afixado*

Quando as crianças já sabem ler e escrever bem, o jornal *escrito* torna-se mais atraente. Este tipo apresenta várias formas. Uma delas é o *Jornal Afixado*, também conhecido como *Jornal Cartaz*. Uma forma simples deste jornal é aquela em que as notícias são afixadas no quadro-negro antes da classe entrar. Outra, de conteúdo mais variado, apresenta



apresenta o jornal impresso: as ilustrações por meio de desenhos, que tanto valorizam e tanta vida e interesse imprimem aos trabalhos infantis, são escassas e até mesmo raras nos jornais impressos, em virtude do elevado preço dos clichês. Nêsse aspecto o *Jornal Manuscrito* sôbre o qual falaremos a seguir, supera os demais, podendo e devendo ser fartamente ilustrado.

#### *Jornal Manuscrito*

Como foi dito anteriormente, o jornal manuscrito é o que circula, atualmente, com mais freqüência em nossas escolas.

Encontramos nas coleções estudadas, exemplares muito bem organizados, de agradável aspecto, interessante ilustração e bem selecionada matéria. Outros pecam pelo descuido na apresentação. Escritos a lápis, em fôlha de caderno, com letra apagada e pouco legível, sem margens laterais internas e externas, superiores e inferiores, confusos e cansativos a quem os lê, não são de molde a suscitar nas crianças o interesse pela leitura do jornal, nem de desenvolver-lhes o senso estético, a ordem e o esmero na confecção do trabalho, como se exige em tôda atividade escolar, perdendo-se, dessa forma, um dos valores da instituição.

Margens laterais internas e externas, os títulos dos artigos bem destacados e separados por linhas ou traços a tinta preta ou lápis de côr; linhas duplas separando as colunas, são indispensáveis à boa apresentação do jornal.

Algumas coleções eram escritas a lápis, em um só tipo de letra; outras a tinta, também em um só tipo de letra, algumas das quais copiadas por adultos; outros, ainda, apresentavam diversidade de letras. Surge, então, outra questão: como fazer o jornal manuscrito: a lápis ou a tinta? Escrito por um só aluno ou por diversos? Não importa que o jornal seja escrito por mais de um aluno. É até mesmo preferível, porque não sobrecarrega as crianças incumbidas dêsse trabalho e torna o seu aspecto menos monótono. O importante é que as letras sejam boas, legíveis, nem muito grandes, nem demasiado pequenas. Não se exige que as

crianças sejam calígrafas, mas devem ter boa letra, que apresente, pelo menos, as seguintes características: legibilidade, regularidade, firmeza, certa estética e limpeza. Como se trata de um trabalho de cópia, é necessário também muita atenção para que a cópia seja fiel.

Nesse caso, a diretoria do jornal deve eger, para cada edição, um grupo de copistas, escolhidos dentre os alunos que satisfaçam as condições mencionadas, devendo ser o trabalho inspecionado e orientado pela professora.

Os jornais manuscritos motivam, assim, exercícios de escrita e treino da caligrafia.

Há outra modalidade de jornal manuscrito também muito interessante e apreciada, em que os trabalhos escritos e ilustrados pelos alunos são colados em cartolina ou outro papel adequado, separando-se as colunas com traços a lápis de côr, ou a tinta. Devem ser feitos com esmero e bom gosto, de modo a terem aspecto agradável. Cada artigo pode ser colado no jornal com a própria letra do autor, desde que este apresente as características desejáveis.

Quanto a ser feito a lápis ou a tinta, é preferível o jornal escrito a tinta, por ser mais legível e durável. É necessário, porém que esta seja de boa qualidade, e a cópia dos artigos feita com a mesma tinta. Quando confeccionados pelas classes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries, os jornais devem ser escritos a lápis.

Relativamente às dimensões, as coleções variaram desde o tamanho de uma folha de caderno escolar à do jornal comum. Os mais frequentes, entretanto, foram os de tamanho médio, confeccionados em papel almaço.

Não há normas rígidas para as dimensões de um jornal, seja manuscrito ou impresso. Entretanto, o jornal manuscrito, feito em folha de caderno comum, é desaconselhável porque a exiguidade de espaço só permite publicar escasso número de trabalhos e quase nenhuma ilustração.

*Em resumo:* As condições locais e particularmente as

de cada escola, são as que determinam o tipo, o tamanho, a organização, o preço e outras particularidades do jornal.

Nos grupos maiores, de muitas classes, sempre que possível, deve fazer-se o *jornal impresso*. Este tipo, permitin-

#### *Jornal impresso*

do maior tiragem, pode ser mais facilmente lido por todos os alunos, tornando, assim, a vida da escola bem conhecida de todos. Facilita o intercâmbio com outras escolas e o conhecimento da escola no lar, na localidade e fora desta. Cada aluno, sempre que possível, deve ser assinante do jornal contribuindo, assim, para a sua manutenção. O ideal seria que as escolas tivessem uma pequena tipografia e as próprias crianças editassem o jornal, somando-se, desta forma, outros valores aos pertencentes a essa instituição.

Faz-se, ainda, necessária uma referência aos caracteres de imprensa ou corpo do tipo, as entrelinhas e ao comprimento das linhas, os quais muito interessam à higiene da leitura. Para crianças até 10 anos são indicados tipos de imprensa de corpo 12 até 24; e para crianças de 10 a 12 anos pode-se admitir o corpo 10, porém não com muita frequência.

As estrelinhas ou espaços em branco entre as linhas estão relacionadas com os caracteres de imprensa. Os padrões mais recomendados são os seguintes: para o corpo 14 — 2,9mm; para o corpo 12 — 2,4mm; para o corpo 10 — 2,2mm.

Interessa também à higiene da visão o *comprimento das linhas*, ou seja, a largura das colunas. Linhas muito curtas, ou por demais extensas, causam maior fadiga à visão, pelos movimentos regressivos a que obrigam.

A maioria dos higienistas aconselha que a linha *impressa* não tenha mais de 10 centímetros de comprimento e nem menos de 6. Para os jornais manuscritos a largura das linhas não deve ter menos de 8 cms.

Relativamente ao tamanho, os jornais impressos variariam também, medindo os menores 11,5 cms. x 16 cms.; e os maiores 22 cms. x 23 cms.

*Jornal único ou jornal de classe?*

Das coleções examinadas, 74 eram de jornais únicos e apenas 21, de classe, demonstrando êsse resultado a preferência das docentes pelo *jornal único*. Ambos têm vantagens gerais e vantagens particulares. O jornal de *classe*, por exemplo, exige maior atividade dos alunos que o editam, sobrecarregando-os, entretanto, de maior trabalho e de responsabilidades. Com o jornal *único* essas responsabilidades e êsse trabalho são divididos pelas classes, estreitando-se mais o espírito de colaboração entre elas e evitando-se rivalidades. Entretanto, ainda que a escola adote êste último tipo, as classes da 1.ª série, por serem analfabetas ou pouco alfabetizadas, devem ter o seu jornal feito em cartaz ou escrito no quadro.

**Cabeçalho:** O jornal deve trazer no alto da primeira página, pelo menos, as seguintes indicações:

- Nome do jornal.
- Nome da escola.
- Nome da localidade, nome do Estado e do País.
- Data (mês e ano).
- Período de circulação (quinzenal, mensal, bimestral, etc.).
- Classe que o edita, se for jornal de classe, e nome do Diretor.
- Números publicados e ano da publicação.

A maioria dos jornais escolares trazia incompletas as indicações do cabeçalho, omitindo o nome do Estado (Minas Gerais) e o do País (Brasil). Esta falha deve ser corrigida, porquanto na hipótese de fazer-se intercâmbio de periódicos escolares entre os Estados da Federação que entre países sul-americanos, por exemplo, como seria de desejar-se, tais indicações se fazem absolutamente necessárias.

*Nome do jornal*

A escôlha do nome para o jornal deve ser feita pelas crianças dentre vários apresentados por elas, ou pela pro-



**Lanterninha**  
 ORGÃO MENSAL  
 DAS ESCOLAS REUNIDAS  
 "AUGUSTO DE LIMA"

DIRETOR: FRANCISCO PAGETAMINTA  
 AUXILIAR: MARLENE LAMA  
 MINICOLAB. BRASIL: COLABORADORES: TODOS OS ALUNOS

ANO 2 | BELHORIZONTE, OUTUBRO DE 1945 | Nº 12

*Independência do Brasil*  
 Depois de sua descoberta, o Brasil foi considerado Colônia de Portugal. Seus senhores dederam a fidelidade com direito de capitães chamaram-se Capitães Meios, tanto o rei de Portugal submeteu todos os capitães a um só governo sob a direção de um homem de sua confiança o qual recebeu o título de Governador Geral. O Brasil continuou ser do Colônia, porém com o nome de Governo Geral. Como se descolou dos portugueses mataram o Colônia e rei de Portugal eleou-se a categoria de Vice-rei. Com a morte de 1807 a família real saiu de Lisboa para não ficar prisioneira dos soldados de Napoleão que haviam bloqueado Porto.

Refugiando-se no Brasil em 14 de Janeiro de 1808 chegaram os fugitivos de terra ao Brasil. Assim se transferiram e corte para o Rio de Janeiro então capital do Vice-rei do Brasil. Em 1816 o João VI eluiu o Brasil e rei no dando-lhe todas as regalias de que gozava a Metrópole, criando Reino Unido do Brasil e Portugal. Foi um ato importante que trouxe os beneficiários a pressão de a guerra independentista. Sendo morrido a Rainha D. Maria II, os portugueses passaram de príncipe de gente a rei. Retirando-se para Portugal o João VI deixou D. Pedro I seu filho mais velho como regente de nova pátria. O Carlos de Lencina qui-

ressôra, mas que tenham significação para elas e possam ser por elas justificadas. Devem evitar-se nomes enfáticos, como "Lábaro", "Alvorada", "O Crepúsculo", "Orgulho", "O cooperador", etc., bem como nomes de pessoas, os quais não são próprios para denominação de jornais.

Nas coleções examinadas, em sua maioria, tinham os jornais nomes interessantes, bem escolhidos, alguns dos quais, extraídos de acidentes geográficos característicos da localidade, conforme se verifica no seguinte artigo, em que um aluno, em forma singela, justifica a escolha do nome para o jornalzinho da classe: "*Nos últimos dias do mês de abril, nós, os alunos da classe do 4.º ano, fundamos o nosso jornalzinho. Escolhemos para este o nome de "Meu Catuni". A escolha deste nome foi feita por causa de uma serra muito alta e muito bonita que fica ao nascente de nossa terrinha. Nesta serra nasce o rio que banha a nossa cidade*", etc., etc.

(Extraído do jornal "Meu Catuni", do grupo escolar de Francisco Sá).

Outro exemplo:

"Leitores:

*Como diretor do "O Mineirinho", dirijo-me a vocês, explicando como surgiu o nosso jornal.*

*Fizemos cousas boas em classe, cuidamos de estudos interessantes, temos observado muito, escrevemos histórias e tanta cousa mais, que queremos que todos do Grupo "Afonso Pena" conheçam as nossas atividades — Como havíamos de fazer para que tudo ficasse conhecido? Só escrevendo um jornalzinho, pois os jornais levam as notícias por toda parte.*

*Já havíamos organizado um Clube de Leitura e, com boa vontade e muita coragem, fariamos também o jornal. E, agora, ele aí está, esperando a atenção e a bondade de todos vocês. "O Mineirinho" é o seu nome. Escolhemos esse nome porque todos nós nascemos em Minas e ele, sendo um trabalho nosso, é também mineiro.*

*Pelo seu tamanho, só podia ser mineirinho, pois é, como nós, bem pequeno ainda. Ele vai sair todos os meses, se Deus quiser; será escrito à mão e constará de três exemplares: um para a Secretaria, outro para a diretora do Grupo e o último que, depois de ser lido pelos alunos das classes de 3.º ano, ficará no nosso arquivo. D. Alda, a nossa professora, vai nos ajudar muito neste jornalzinho e por isso acho que ele vai ficar bem bom.*

*Agradeço a boa vontade que vocês dispensarem ao "O Mineirinho".*

Jarbas Guaraní Gomes, diretor.

(Transcrito do jornal "O Mineirinho", do Grupo Escolar "Afonso Pena", da Capital).

#### Conteúdo

O interesse que o jornal possa despertar depende muito do seu conteúdo. Este deve ser variado e interessante; escrito na linguagem própria das crianças, porém correta. Trabalhos vasados em linguagem adulta ou formal, ou versando sempre sobre os mesmos temas, trazem monotonia e conseqüente desinteresse. Assim sendo, desaconselham-se, nas publicações infantis, *excesso* de material literário, de composições, ou mais de um artigo, comentário, notícia ou informação sobre idêntico assunto, em um mesmo número do jornal.

A principal função do jornal é dar notícias, não somente as da própria escola, como também outras que possam despertar interesse entre as crianças, ou ser de utilidade.

As notícias mais importantes devem ser publicadas na primeira página. Na escolha das notícias devem considerar-se os elementos seguintes:

a) *oportunidade*: as cousas acontecidas hoje são mais interessantes que as de ontem;

b) *raridade*: ou sejam acontecimentos extraordinários, como descobertas, novas invenções, etc.;

c) *familiaridade*: fatos acontecidos em lugares ou com pessoas que os leitores conhecem.

As notícias devem ser de interesse geral e de valor educativo.

O jornal escolar deve trazer muitas notícias da escola, atividades das classes e fatos relacionados com a vida escolar. Nesse aspecto muitas das coleções estudadas satisfizeram plenamente, publicando notícias interessantes como as que se transcrevem abaixo:

#### "NOTÍCIAS DE ATIVIDADES DE CLASSE"

##### *Como estudámos o Rio São Francisco*

*"Nós gostamos muito do estudo que fizemos do rio São Francisco.*

*A' medida que íamos estudando, os meninos traziam gravuras.*

*D. Petrina trouxe uma muito bonita: um bárqueiro à porta do seu rancho, com medo do mosquito da malária, que esvoaça.*

*O Fernando encontrou na biblioteca infantil um livro com fotografias da cachoeira do Paulo Afonso. Trouxe-o para nos mostrar. A Ângela trouxe um quadro muito bonito do pôr do sol, no São Francisco.*

*D. Petrina trouxe o mapa da bacia e circulação do rio São Francisco. Trouxe também quadros muito bonitos. Um deles, os meninos apreciaram muito: o da Gruta do Morcêgo. Temos uma gravura muito interessante: à beira do rio São Francisco, umas barcas de mercadorias e burrinhos pacientes, vergados do peso dos barris de água que levam para vender na cidade.*

*D. Petrina leu para ouvirmos casos dos barranqueiros. O que eu gostei mais foi este: Um homem de fora, perguntou a um barranqueiro: "Quando você vai à povoação, viaja por terra?"*

O barriqueiro, apontando para o rio, disse: "Essa é a estrada que nos "transata". Gostamos muito das lendas do caboclo d'água e do compadre.

É muito interessante conhecer o modo de viver dos barriqueiros.

(Extraído do jornalzinho das classes anexas à antiga Escola de Aperfeiçoamento)".

### "OBSERVAÇÕES FEITAS EM CLASSE"

O Jorge trouxe, há uns quinze dias, alguns girinos para a sala de aula e já notamos muitas transformações.

No vidro onde estão, há água, lodo, areia, argila, uns galinhos e minhocas. Entre os girinos, há um bem maior que os outros. Quando ele chegou aqui, estava com a cabeça bem chata, a cauda comprida e fina e os olhos pequenos. Estavam numa lata, onde não ficaram, porque ela estava velha e bastante enferrujada. Agora, foram colocados num vidro de boca larga e de altura regular.

Já notei que a cauda de um deles está curta, os olhos empapuçados, a boca larga e a barriga branca, tendo algumas pintas no corpo. Vamos observá-los bem para sabermos se são sapos ou rãs, pois de agora por diante, é que as diferenças vão aparecer.

(Extraído de "O Flávio dos Santos", do Grupo Escolar "Flávio dos Santos", desta Capital)".

Outro exemplo:

### "A AULA DE D. LILIA"

"Estamos estudando os pássaros.

Ficamos sabendo que dona Lília, uma professora que está fazendo o curso aqui na Escola, sabe muitas coisas sobre as aves.

Pedimos-lhe que nos desse uma aula sobre os pássaros. Ela veio e nos ensinou muitas coisas interessantes. Primeiro, nós lhe mostramos muitos ninhos que havia no nosso museu.

Ela contou que há uns passarinhos muito inteligentes que cobrem seus ninhos com legumes ou musgos para disfarçar, como o beija-flor, o sabiá. O teque-que ou relógio faz seu ninho dependurado, com marquise ou beiralzinho. O cabore é uma espécie de coruja, mas anda de dia. Uns, corajosos, fazem seus ninhos em forma de concha, como o tico-tico, a tesoura e correm até atrás dos gaviões. O gaturamo não pode comer comidas grosseiras, porque não tem moela.

Foi muito boa a aula de D. Lília. Depois fomos à sala do 4.º ano para assistir a uma aula sobre o aparelho digestivo das aves.

Dr. Marques abriu uma galinha e nos mostrou tudo de seu aparelho digestivo".

(Extraído do jornal das classes anexas à antiga Escola de Aperfeiçoamento).

Notícias como estas agradam e instruem os pequenos leitores, ao tempo que inspiram e estimulam, em outras classes, atividades semelhantes. Deixamos de transcrever outras para não alongar muito este comentário.

Além destas, podem ser divulgadas informações interessantes e úteis sobre assuntos diversos, principalmente os que tenham ligação com a matéria dos programas de estudo.

Do conteúdo dos jornais, 5% das notícias referiam-se a estudos e outros trabalhos realizados em classe, e 0,7% eram pequenas informações sobre geografia, história, ciências e higiene, trazendo algumas títulos sugestivos, como: "Você sabe", "Você viu", etc., é o que abaixo reproduzimos:

"VOCE SABIA..."

\*

Que foi o engenheiro norte-americano Fulton que inventou o navio a vapor?

Que a água não filtrada contém micróbios do tifo e da disenteria?

\*

Que a cidade de São Luiz, Capital do Estado do Maranhão, foi fundada por franceses?

*Que Irineu Evangelista é o nome do Barão de Mauá e que foi ele o construtor da primeira estrada de ferro do Brasil?"*

\*

Algumas vezes essas informações divulgaram conselhos de saúde em forma de versos, o que interessa às crianças e se grava mais facilmente na memória. Por exemplo:

*"Dente sujo é muito feio  
É mesmo falta de asseio,  
É mesmo até porcaria.  
Meninos inteligentes  
Escovam sempre seus dentes  
Três, quatro vezes por dia".*

\*

*Deve tomar muito leite  
Quem quiser bem forte ser.  
Quem tem saúde é feliz  
E alegre pode viver.*

\*

#### Humorismo

Trabalhos de cunho humorístico, anedotas, bromas, amenidades, etc., interessam, agradam e distraem as crianças. Devem, entretanto, as professoras selecionar muito as colaborações desse gênero, evitando as que possam estimular a vaidade ou focalizar defeitos capazes de suscetibilizar as crianças, como os que soem aparecer nos jornais sob o título "Bolos", "Ramalhetes", "Leilões", etc. Humorismo leve, sadio, de fino espírito, agrada sempre, diverte e interessa. Dos jornais examinados extraímos os seguintes exemplos de trabalhos humorísticos mais aconselháveis, por não apresentarem nenhum dos inconvenientes citados.

— "Você se lembra daquele relógio formidável que eu tinha?"

— Lembro-me.

— Lembra-se de que eu o estive procurando por toda parte?

Pois bem, ontem fui vestir um palitô velho... e... que pensa que eu encontrei?

— O relógio?

— Não! O buraco por onde ele caiu...

\*

Outros exemplos:

Na aula

Prof. — Por que você não veio à aula ontem?

Aluno — Porque estava com o dente doendo.

Prof. — E agora, não dói mais?

Aluno — Não sei, não senhora, ele ficou com o dentista.

\*

Na excursão

"Uma professora ia ao campo com os alunos em excursão. Passando em frente a uma venda, viu na parede um pássaro dentro de uma gaiola e perguntou aos alunos:

— A que família pertence aquele animal?

Um aluno — A' família do vendeiro".

\*

*Instituições escolares* — Foram bastante noticiadas nos jornais as instituições escolares. Alguns trabalhos apareciam em forma de atas e relatórios, vasados em linguagem algum tanto formal, outros distinguiram-se pela espontaneidade, boa observação e tom infantil, revelando a inteligente orientação que guiou as atividades socializadoras e o acerto na escolha dos trabalhos para publicidade.

Transcrevemos abaixo, para ilustração, alguns desses artigos extraídos dos jornais.

## "RELATÓRIO DE UMA EXCURSÃO"

"No dia 25 de julho fizemos uma excursão ao apiário de D. Cândida.

Partimos às oito horas.

Pelo caminho fomos conversando sobre as plantas.

Quando chegamos à casa de D. Cândida, ela ficou muito satisfeita, mandou-nos entrar e correu conosco o apiário todo. Notamos o grande asseio que reinava em toda casa e no pátio.

D. Cândida mudou a colmeia para vermos.

Ela passou umas folhas de laranjeiras e fez uma fumaça. Nesse instante vimos passar o zangão, a rainha e até filhotinhos. Depois a apicultora tirou o mel e a professora repartiu com os meninos os favos com o saboroso mel. Trouxemos um pouco para D. Esperança.

Voltamos acompanhadas por nossa professora, D. Ambrosina dos Santos Tórreres.

Passamos perto da fábrica e ouvimos apitar dez horas.

Os empregados fizeram como as abelhas: foram saindo direitinho para o seu almoço. Fiquei muito satisfeito e penso que todos os meninos devem estar satisfeitos.

Elzira G. Marques, aluna do 3.º ano.

(Transcrito do jornal "Flor do Ipê", de Jaboticatubas)"

As poesias que se seguem, inspiradas pela excursão, foram publicadas no mesmo jornal "Flor do Ipê".

## VERSOS

A casa de D. Cândida  
É uma velha casa de telhas.  
Tem árvores muito frondosas  
E também cortiços de abelhas.

A abelha é um inseto  
Que vive no seu cortiço.  
Quem vir o tamanho dela  
Não acredita no seu serviço.

Vou falar sobre a vivência  
Do povo de Ribeirão.  
Não é como as abelhas,  
Que vivem em grande união.

Aurea Teixeira, aluna do 3.º ano.

\*

## AS ABELHAS

As abelhas fazem sua colmeia,  
Zumbindo, sempre zumbindo;  
Parece que estão alegres  
Que estão sempre e sempre rindo.

A rainha é a maior,  
Não há nada que o zangão queira.  
A operária é a menor,  
Mas fabrica o mel e a cera!

As operárias trabalham,  
O zangão come e passeia.  
A rainha põe os ovos,  
É por isso a mais feita.

O zangão é bem peludo.  
É preguiçoso também;  
Fica a tóa o dia inteiro  
Dormindo como ninguém.

Maria das Mercês Costa, aluna do 3.º ano.

## "AUDITÓRIO SOBRE A VITÓRIA"

"Fizemos um auditório sobre a vitória, no dia 18 deste.

Sim, foi a nossa homenagem à vitória dos aliados. Contarei como foi realizado: Nós, do 4.º ano, organizamos uma dramatização sobre a vitória. Quase todos os alunos do 3.º e 4.º ano tomaram parte. Todos nós trabalhamos antes, dando idéia, escrevendo, fazendo bandeirinhas, ajuntando gravuras, etc. Enfim chegou o dia. A "Sala de Estar" estava cheia de gente. Eu li o programa.

Começou o auditório, tomando a palavra, D. Angelita, professora-aluna do curso das moças, que falou sobre a Guerra e a Paz.

Contou-nos o que é a Guerra.

Disse-nos que cidades lindas são destruídas pelas bombas. Cidades, igrejas, casas, tudo é devastado. Lavradores deixam o campo e correm para combater; tudo é deixado de lado. Os pais saem e deixam o lar para combater. As mães vão fazer o trabalho dos maridos nas fábricas. Mas, quem sofre mais na guerra são as crianças. Seus pais vão combater e deixam seus filhos entregues a outras pessoas.

Mas, quando vem a paz, tudo é diferente: As crianças andam despreocupadas, têm os seus pais queridos com elas; estudam, trabalham e tudo é mais barato.

Depois desta palestra as classes do 1.º ano e de D. Maria Seabra e D. Dagmar mostraram retratos dos principais homens que trabalharam para acabar com a guerra. As crianças três meninas. Giselda leu uma carta que escreveu a uma dramatização. Foi assim: Primeiro uma conversa entre as três meninas, Giselda leu uma carta que escreveu a uma amiga contando como foi comemorado o dia da Vitória em Belo Horizonte. Logo depois Giselda foi levar a carta ao correio. Maria Regina e Iêda continuaram conversando sobre a guerra.

Para melhor explicar à Iêda o que foi a guerra, Maria Regina pediu aos três meninos que estavam de lado, olhando um mapa, que contassem o que eles sabiam sobre os Países

Aliados. Eduardo falou logo sobre a Inglaterra, Luiz Paulo sobre a Rússia e Alexandre Otávio sobre os Estados Unidos. Eles explicaram como estes três países trabalharam pela vitória. Depois Maria Regina disse que as Américas auxiliaram muito aos aliados mandando soldados, alimentos, minérios, etc.

Nesta hora os alunos do 3.º ano entraram, trazendo cada um a bandeira do país americano que representavam.

Logo depois que as Américas chegaram, todos nós cantamos o hino: "Deus salve a América". Ronaldo, representante do Brasil, falou sobre o nosso país e sobre os expedicionários. Maria Aparecida, do 3.º ano, declamou a poesia "Os expedicionários" e todos nós cantamos, depois, o "Hino do expedicionário". Paulo Caliac, do 4.º ano da manhã, leu a "Oração à Pátria", de Valdemar Tavares, em frente à bandeira do Brasil.

Terminou o nosso auditório da vitória com o Hino Nacional Brasileiro cantado por todas as pessoas presentes.

Jair Ricardo da Silveira, 4.º ano.

(Transcrito do jornal "Vida Escolar", das Classes Anexas à E. de Aperfeiçoamento)".

\*

## "A EXCURSÃO DO 4.º ANO"

"Os nossos corações batiam ansiosos porque iam fazer uma excursão com o Dr. Marques Lisboa.

Fomos com sentido de achar alguma nascente e estudar a vida dos animais e plantas. Achamos a nascente. A água até quando nasce é cor de ferrugem. Sabem porque? O Dr. Marques nos explicou, vou dizer. O característico do terreno belorizontino é ferruginoso. A água nascendo nesta terra tem a cor de ferrugem. Desta água enferrujada vai nascer um corregozinho de águas cristalinas que rolam sobre as pedras. Apreciamos dois modos do rio nascer: o primeiro ao pé e o segundo bem no cimo da monta-

nha que escalamos. Explicou-nos também que aquelas argilas, que vimos, muito lindas, de muitas cores, eram de uma so qualidade. Como em algumas partes da terra argilosa ha outras substâncias, elas variam de cor. Foi a natureza que as pintou com os seus pincéis magníficos. Vimos plantas aquáticas e muitas algas dentro do córrego; vimos os percevejos d'água que sugam o sangue dos peixes. A libélula, que é um inseto, vive geralmente perto dos riachos e lagões. É vulgarmente chamada pelo povo "Lavadeira". O grilo d'água fica sempre à tona d'água.

Vem ver! Vem ver, Dr. Marques! Ecoaram os nossos gritos por aquêle brejo. Que seria? Não sabíamos explicar. Só quando o grande cientista Dr. Marques Lisboa chegou, pudemos saber que aquelas espumas que vimos eram ninhinhos de sapos. Ali estavam guardados os ovos do anfibio. Daqueles ovos semelhantes a sementes de mamão, saíam muitos girinos. O limo é um vegetal inferior. É formado de um conjunto de micróbios. Um conjunto mais forte forma as algas. Um outro forma a avenca, um outro forma a sambambaia. Assim por diante.

Quando voltávamos da excursão, vimos uma parasita, a que a Lourdes chamou de "macarrão"! — Não! Não se chama assim, disse o Dr. Marques. Chama-se Cipó Chumbo. Ele invade a planta e acha-se dono dela. Que malcriado que éle é!"

Deixamo-lo em paz e seguimos a nossa marcha contentes, porque naquele dia aprendemos muito e muito.

Tarcisio Andrada, 4.º ano.

(Extraído do jornal "Vida Escolar", das Classes Anexas à Escola de Aperfeiçoamento)."

\*

#### COMPOSIÇÕES

As composições sôbre diversos temas foram matéria mais frequente e mesmo preferencial nos jornais escolares. Muitos e variados assuntos inspiraram o trabalho das crian-

gas, sendo os mais comuns a árvore, "festas", mês de maio, passeios, férias, etc. Em reduzido números, encontraram-se também poesias e composições sôbre temas mais originaes, como: "Se eu fôsse professora..." "Se eu tivesse muito dinheiro..." "O dia mais feliz de minha vida", etc., nas quais os alunos relatam seus ideais, suas impressões de acontecimentos vividos, espontâneos e pessoais.

Tornar-se-ia demasiado longo êste trabalho, se transcrevessemos grande número de composições sôbre diversos temas que enriqueceram os jornais escolares. Abaixo reproduzimos apenas algumas para ilustrar o que dissemos acima.

#### No Grupo

"No primeiro ano de aula, eu era muito comportado. Outros companheiros convidavam-me para brincar e eu não aceitava o convite. Depois que passei para o segundo ano, fiquei mais levado. Minha professora, a D. Zezé, era muito boa. No tempo em que caia bitus, a D. Nadir nos mandava pegá-los. Um dia eu fui pegá-los e me machuquei. No dia seguinte, nós todos fomos pegar bitus.

Eu peguei um e o enfeiei no bolso.

Depois eu estava brincando quando vi o João Carvalho. Ele estava tão descuidado, que eu pus um bitu no bolso dêle. Ele logo que percebeu a brincadeira, enfiou a mão no bolso e o bitu agarrou-se no dêdo dêle.

(Extraído do jornal do Grupo Escolar de Itanhandu)."

\*

#### COMPOSIÇÃO

Tema: — Idear um conto em que entrem várias espécies de interjeição.

— "Oh! que bela manhã! disse Laura à sua mãe. Hoje vou à cidade dar um passeio. A's dez horas Laura chegou à cidade e encontrou sua amiguinha Maria.

— Olá! você por aqui! disse-lhe, muito contente. Tomara que o tempo continue assim, porque amanhã temos prova e eu não posso perdê-la.

— Laura, então, respondeu: — Oxalá sejam felizes! As duas, conversando, foram para casa de Maria. Chegando lá, foram apanhar no jardim umas flores, quando do meio destas saiu um bicho, e, muito assustadas, gritaram: Ail uil! que bicho horrível, mamãe, me faz medo.

A mãe, chegando, viu que era uma lagartixa e zangou muito com as duas meninas.

Elas, vendo então que não era nada, continuaram a apanhar as suas lindas flores.

Margarida Gariglio, 4.º ano.

(Extraído do jornal "Esperança", do Grupo Escolar "A. Martins", de Ponte Nova).

\*

"MEU PRIMEIRO POEMA"

Era já noite fechada,  
Uma noite fria e calma,  
Quando escrevi um poema  
Ao Brasil de minha alma.

Era eu ainda pequeno,  
De idade bela e bem pouca,  
Quando estas palavras saíram  
Da minha pequena boca:

Meu Brasil, grande e forte,  
Que do ferro tem mil fregueses,  
E é hoje conhecido  
Graças aos portugueses.

Venham todos ao Brasil,  
O' homens do Norte e do Sul,  
Venham todos, aqui, ver  
O seu grande céu azul.

O Brasil, amado e grande,  
Que de todos, o amor sentias,  
O Brasil, muito grande e forte,  
O Brasil, berço de Carias!

Tarcísio, 4.º ano.

(Extraído de "O Flávio dos Santos", do Grupo Escolar "Flávio dos Santos", desta Capital).

\*

"FLAMBOYANT"

"Flamboyant é a nossa querida árvore. Suas flores vermelhas enfeitam o pátio do nosso Grupo, como se fôssem umas árvores de Natal cheias de brinquedos! De manhã, à hora de ir para o Grupo, eu penso nas suas florezinhas vermelhas... vermelhas.

Quando o sol desponta lá na montanha, seus raiozinhos vêm brincar com as flores do "Flamboyant". Então, o vento leve balança as flores como se elas estivessem bailando para cá... para lá... O vento vai soprando e as flores vão bailando... bailando... Com esse bailado incessante, algumas flores soltam-se e eu as aparo na palma da minha mão e fico a contemplá-las, encantada e pensando: Deus é tão bom que, além de me ter dado a vida, ainda me cerca de tantas maravilhas!"

Maria Lúcia da Mata Machado.

(Extraído de "O Mineirinho", do Grupo Escolar "Afonso Pena", desta Capital).

## "A ENTRADA DA PRIMAVERA"

*Na primavera o céu fica azul, muito bonito!*

*É o tempo das flores.*

*Os meninos brincam alegres...*

*Eles gostam muito da primavera!*

*Os pássaros cantam contentes,*

*Eles ficam em cima das árvores mais altas*

*As vèzes cantam também, pousados*

*Na grama verde e macia do chão...*

*Na primavera não faz frio nem calor...*

*O ar é morno e perfumado*

*Do aroma das roseiras, mangueiras e  
jaboticabeiras em flor...*

*Tódas as plantas ficam floridas e alegres*

*Os meninos ficam alegres também...*

*Quando a primavera vai-se embora*

*Os meninos pensam com pena:*

*— Quando voltará a primavera?!*

Artur Bueno.

(Extraído do jornal "Lanternhinha", do Grupo Escolar "Augusto de Lima", desta Capital).

\*

## INFORMAÇÕES INTERESSANTES — CURIOSIDADES

Sob este título registramos trabalhos descrevendo costumes, hábitos curiosos de outros países e mesmo cousas típicas da própria localidade, o que muito enriquece as publicações infantis. Seguem-se abaixo alguns exemplos dessas colaborações.

## "ÁRVORE DA BARONESA"

*Em São Gongalo, há uma linda árvore que é do tempo dos Barões. É muito velha e dá uma linda vista. Fica na frente do Hotel do Comércio, onde era a casa do Barão. É chamada árvore da Baronesa. Os pássaros fazem ninhos nos seus galhos e cantam alegres.*

*É linda a árvore da Baronesa.*

*Leais Penido Braga, 4.º ano.*

(Extraído de "O Beija-Flor", do Grupo Escolar de São Gongalo do Sapucaí).

## "COMO ERAM EDUCADAS AS CRIANÇAS GREGAS"

*Quando já estavam na idade de ser educados, seus pais as levavam à escola do célebre Centauro que as ensinava, dando a cada um inteligência e sabedoria.*

*Certa vez, um dos alunos do Centauro célebre viu uma cabra doente comer duma erva e ficar boa. Apanhou então um punhado da planta e deu-a a um velho moribundo que vivia na aldeia, ficando este curado. Quando o Centauro soube do caso, deu pulos de alegria e depois pronunciou as seguintes palavras: Atenas e Apolo deram um dom a cada um, e cada um tem seu próprio mérito; mas a esta criança eles concederam uma honra acima de todas as honras: a de curar, enquanto outros matam.*

*Tarcísio Andrada, 4.º ano.*

(Extraído de "Vida Escolar", das classes anexas à Escola de Aperfeiçoamento).

\*

## INTERCÂMBIO

Um dos valores dos jornais é promover o intercâmbio entre as escolas e, em consequência, o conhecimento e as relações amistosas entre as crianças. Lastima-se, portanto, que apenas um pequeno número de jornais tenha feito intercâmbio com outros estabelecimentos.

## LINGUAGEM

Um dos aspectos dos jornais escolares que merecem maior atenção da professora é o referente à linguagem. Os jornais motivam, estimulam e facilitam a aprendizagem da língua materna.

Os artigos devem ser publicados em linguagem correta. A correção pode ser feita pela professora durante as aulas de Língua Pátria, e as oportunidades que tais artigos oferecem para a aprendizagem das regras gramaticais não devem ser desprezadas. Estas regras se aprendem e se fixam melhor quando motivadas pelas próprias composições dos alunos, e não quando são ensinadas de maneira formal.

Os jornais escolares devem ser, o mais possível, escoimados de erros.

Todavia, a correção dos artigos não deve ir ao ponto de alterar o pensamento e a expressão infantil, dando-lhes forma adulta.

Por outro lado, publicar em jornais infantis trabalhos feitos por adultos e assinados pelo aluno, é atentar contra um dos mais importantes princípios de educação e formação moral que a escola tem o dever de inculcar na criança: o da probidade. Seria estimular o plágio. Desta forma deve a professora aproveitar todas as oportunidades para ensinar ao aluno o respeito ao trabalho alheio, recomendando-lhe indicar sempre a fonte onde encontrou o artigo, a informação ou a história que trouxe para publicar no jornal, quando não for trabalho próprio. Nunca permitir que a criança assine trabalhos feitos por outrem.

O esforço, o carinho e a atenção empregados pelas docentes a fim de que os jornais escolares se editem com regularidade, sejam elaborados com esmero e cumpram sua finalidade educativa, concorrerão para que se forme nos educandos uma mentalidade mais forte e se manifestem, se acentuem e se robustecem as qualidades de iniciativa, coragem, e confiança em si, e os sentimentos de cooperação, lealdade, probidade e amor ao trabalho.

## RELAÇÃO DOS JORNAIS EXAMINADOS

*Nome do jornal — Estabelecimentos e localidades:*

- "A Inocência" — Grupo Escolar de Açueena.
- "O Esfôrço" — Grupo Escolar de Arcos.
- "O Clarim" — Grupo Escolar de Abre Campo.
- "Acaiaça" — Escolas Reunidas de Acaiaça.
- "O Escolar de Araxá" — Grupo Escolar de Araxá.
- "O Mensageiro" — Grupo Escolar de Astolfo Dutra.
- "O Avião" — Grupo Escolar de Angustura.
- "Rosas de Teresinha" — Escolas Reunidas de Amparo da Serra.
- "Futuro Risonho" — Grupo Escolar de Bambuí.
- "Vida Escolar" — Grupo Escolar de Bicas.
- "A Abelha" — Grupo Escolar de Bonfim.
- "Vitória" — Grupo Escolar de Bocaiuva.
- "Lanterninha" — Grupo Escolar "Augusto de Lima" — Belo Horizonte.
- "O Canarinho" — Grupo Escolar "Afonso Pena" — Belo Horizonte.
- "O Mineirinho" — Grupo Escolar "Afonso Pena" — Belo Horizonte.
- "O Colibri" — Grupo Escolar "Mariano de Abreu" — Belo Horizonte.
- "Dom Bosco" — Grupo Escolar "Lúcio dos Santos" — Belo Horizonte.
- "O Sabiá" — Grupo Escolar "Silviano Brandão" — Belo Horizonte.
- "Bem-te-vi" — Grupo Escolar "Silviano Brandão" — Belo Horizonte.
- "O Tico-Tico-Rei" — Grupo Escolar "São Vicente" — Belo Horizonte.
- "Vida Infantil" — Classes Anexas à E. de Aperfeiçoamento — Belo Horizonte.
- "O Cruzeiro do Sul" — Grupo Escolar "Tomaz Brandão" — Belo Horizonte.

- “Vozes da Vitória” — Grupo Escolar “Tomaz Brandão” — Belo Horizonte.
- “O Noticiário” — Grupo Escolar “Tomaz Brandão” — Belo Horizonte.
- “O Jornalzinho do Grupo” — Grupo Escolar “Tomaz Brandão” — Belo Horizonte.
- “A Voz Infantil” — Grupo Escolar “Tomaz Brandão” — Belo Horizonte.
- “A Voz Infantil” — Grupo Escolar “Pe. José de Anchieta” — Belo Horizonte.
- “Alvorada” — Grupo Escolar “Pe. José de Anchieta” — Belo Horizonte.
- “O Flávio dos Santos” — Grupo Escolar “Flávio dos Santos” — Belo Horizonte.
- “A Voz da Infância” — Grupo Escolar “Cesário Alvim” — Belo Horizonte.
- “Vida Infantil” — Grupo Escolar “Maurício Murgel” — Belo Horizonte.
- “Voz Infantil” — Grupo Escolar de Carmo da Mata.
- “O Clarim” — Grupo Escolar de Guido Marlière, município de Carmo da Mata.
- “O Brasileiro” — Grupo Escolar de Córrego Danta.
- “O Garoto” — Grupo Escolar de Campo Belo.
- “O Infantil” — Grupo Escolar de Cabo Verde.
- “O Garoto” — Grupo Escolar de Astolfo Dutra, município de Cataguazes.
- “O Brasileiro” — Grupo Escolar de Conquista.
- “Voz Infantil” — Grupo Escolar de Córrego Danta, município de Luz.
- “A Luz” — Grupo Escolar de Catadupas.
- “O Escolar” — Grupo Escolar de Candeias.
- “A Infância Patriota” — Grupo Escolar de Cambuquira.
- “Vida Escolar” — Grupo Escolar de Caxambu.
- “Alma Infantil” — Grupo Escolar “Cel. Vieira” de Cataguazes.
- “O Nosso Brasil” — Grupo Escolar de Dom Silvério.

- “O Infantil” — Grupo Escolar “Pe. Matias Lobato”, de Divinópolis.
- “O Infantil” — Grupo Escolar “Antônia Valadares”, de Divinópolis.
- “O Escolar” — Grupo Escolar de Dores da Vitória.
- “O Nosso Dever” — Grupo Escolar de Dona Euzébia.
- “O Escolar” — Grupo Escolar de Ferros.
- “Vida Escolar” — Grupo Escolar de Grão Mogol.
- “A Boa Vontade” — Grupo Escolar de Gimirim.
- “O Mineirinho” — Grupo Escolar de Guanhães.
- “O Torreão” — Grupo Escolar de Itanhandu.
- “O Amigo da Infância” — Grupo Escolar de Japão.
- “O Jornal das Crianças” — Grupo Escolar de Itanhandu.
- “Brasil” — Grupo Escolar de Itanhandu.
- “A Voz do 4.º Ano” — Grupo Escolar de Itanhandu.
- “O Lutador” — Grupo Escolar de Ibertioga.
- “O Guia Escolar” — Grupo Escolar de João Ribeiro.
- “Flor do Ipê” — Grupo Escolar de Jaboticatubas.
- “Vozes da Primavera” — Grupo Escolar de Jequeri.
- “Alma de Criança” — Grupo Escolar de Lagoa Formosa.
- “Voz Infantil” — Grupo Escolar de Luz.
- “Voz Infantil” — Grupo Escolar de Leopoldina.
- “O Nosso Dever” — Grupo Escolar de Manhumirim.
- “O Tagarela” — Grupo Escolar de Maria da Fé.
- “O Lírio” — Grupo Escolar de Miradouro.
- “O Sertanejo” — Grupo Escolar de Morada Nova.
- “Alma Infantil” — Grupo Escolar de Monte Belo.
- “O Chibiu” — Grupo Escolar de Monte Carmelo.
- “Monte Azul” — Grupo Escolar de Monte Azul.
- “Voz Infantil” — Grupo Escolar de Muriaé.
- “Noticiário Escolar” — Grupo Escolar “Torquato Almeida” — Pará de Minas.
- “A Esperança” — Grupo Escolar “Antônio Martins” — Ponte Nova.
- “O Cooperador” — Grupo Escolar de Pouso Alegre.
- “O Sorriso” — Grupo Escolar de Piumhi.

- "Risos Infantis" — Grupo Escolar de Rio Pardo.  
 "O Mensageiro da Criança" — Grupo Escolar de Resaquinha.  
 "O Recreio" — Grupo Escolar de Recreio.  
 "Vida Escolar" — Grupo Escolar "José Cândido" — São Sebastião do Paraíso.  
 "Voz Escolar" — Grupo Escolar "Campos do Amaral" — São Sebastião do Paraíso.  
 "A Voz da Criança" — Grupo Escolar de Santana de Patos.  
 "A Borboleta" — Grupo Escolar de Santo Antônio do Monte.  
 "O Infantil" — Grupo Escolar de São Gonçalo do Pará.  
 "A Luz" — Grupo Escolar de Santa Catarina.  
 "O Mineirinho" — Grupo Escolar de São Gotardo.  
 "O Beija-Flor" — Grupo Escolar de São Gonçalo do Saçuai.  
 "O Tamborzinho" — Grupo Escolar de Teixeiras.  
 "Voz da Criança" — Grupo Escolar de Teófilo Otoni.  
 "Infância de Virginópolis" — Grupo Escolar de Virginópolis.  
 "Alegria Escolar" — Grupo Escolar "Afonso Pena" — Varginha.  
 "Meu Brasil" — Grupo Escolar de Porteirinha.  
 "Voz Escolar" — Grupo Escolar de Itajubá.

## BIBLIOGRAFIA

- Extra curriculaires activités MC. Kown)  
 Autonomia dos escolares (Ferrière)  
 Los periódicos escolares (F. Coluccio — A. Del Pino — E. García Rossi).  
 La Educación Activa (Malbardy Cutó)  
 Uma investigação sobre jornais e revistas infantis (Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos).  
 Jornais Escolares (Guerino Casassanta).

## A História maravilhosa da vida

PUBLICADO PELA UNIÃO BRASILEIRA PRÓ-TEMPERANÇA

## DUAS PALAVRAS DE EXPLICAÇÃO AOS PAIS

"Eu creio que nada deva ensinar a meus filhos do que se relacione com sexo; prefiro conservá-los *inocentes*". Com esta confissão que é, ainda, um grito do falso pudor convencional, uma mãe altamente educada e assídua leitora de livros sobre psicologia infantil procurava desculpar-se da perigosa falta de educação sexual em que ela deixava crescer seus filhos.

"Como a senhora conseguirá êsse milagre, tendo filhos normais, inteligentes, e que vêm e ouvem perfeitamente? Acaso pretende isolar-se do mundo e ir viver nalguma ilha deserta, inhabitada até por animais, pássaros e insetos?" Foi a pergunta que lhe fizemos imediatamente; e creio ser a única que ocorreria à maioria dos leitores.

Não será, pois, difícil que muitos pais fiquem chocados com a linguagem real que encontrarão no presente livrinho; mas notai bem, ela exprime a verdade.

Talvez ainda algumas décadas tenham que passar antes que uma sombra de pudor deixe de cobrir o rosto de muitos pais ao terem que pronunciar perante seus filhos a palavra "sexo".

O fato, porém, é inegável, que com tôdas as facilidades dos nossos dias, não será fácil ter um alto padrão de moral, se continuarmos a ter medo de usar as palavras necessárias para explicar fatos referentes à própria vida.

Iniciando a criança desde cedo em botânica e zoologia, e mostrando o processo natural da fecundação, sem reticências, sem falso pudor, dando-lhes noções exatas sobre este grande e profundo mistério, é que a poderemos desviar dos vícios e perversões inconfessáveis. Pois se a criança for habituada desde cedo a admirar seu corpo como uma obra prima da natureza, ela nunca terá a coragem de perder o respeito-próprio, degradando-se com vícios prejudiciais à sua mente e ao seu corpo.

Só a educação sexual bem orientada será capaz de evitar esse excesso de curiosidade que nasce na criança desde os mais tenros anos, pelo próprio instinto, pelo que elle vê no mundo dos seres vivos que palpitam ao seu redor; e mais do que tudo, pelas fitas do cinema onde, sem nenhuma escôlha prévia, as crianças são levadas e em cujos enredos na maioria das vezes o sensualismo impera em toda sua plenitude.

Compenetrai-vos também da grande verdade que os ensinamentos que lhes negardes nesse sentido eles irão buscá-los com amigos mais velhos, muitas vezes pervertidos, e com criados inconscientes.

A curiosidade só pode ser saciada pelo conhecimento exato dos fatos. Existe pois, um só caminho a seguir — dar-lhes educação sexual adequada, logo que surgirem os primeiros sintomas de curiosidade em relação a assuntos sexuais.

A verdadeira educação sexual cuida do problema pelo lado científico, moral, físico e mental.

O que visa sobretudo a educação sexual é trazer as novas gerações desse século de plena liberdade, das danças lascivas, fitas de *sex-appeal*, e farta literatura obscena, uma pura e mais alta compreensão do problema sexual na vida humana.

Naturalmente essa tarefa delicadíssima deve caber aos pais, (sempre que possível); e à mãe, sábia conselheira, vigilante e dedicada caberá mais do que a ninguém a di-

fícil tarefa de evitar que seus filhos contraíam hábitos deprimentes e prejudiciais à saúde.

O hábito de masturbação, freqüente nos meninos desde os mais verdes anos, e que tantos inconvenientes traz através da vida áqueles que se entregam a esse vício, pode bem ser evitado pela educação sexual e severa vigilância. "Entre os efeitos nefastos, quando se torna um vício inveterado, devemos notar a ação depressiva da vontade, sobretudo porque o masturbador se sente um ser vencido". (Forel).

Dando uma vida ativa cheia de ocupações variadas, e que censem a criança tanto mental como fisicamente, trará a solução para o contróle sobre tendências para vícios. Esportes, jardinagens, jogos ao ar livre e finalmente brinquedos e estudos bem orientados dão resultados para ambos os sexos.

Conheci uma mãe inteligentíssima e sensata, e que zelosamente cuidava de seus filhos, porém que dava como castigo aos filhos de seis a dez anos ficarem na cama deitados durante algumas horas em perfeita solidão. Como resultado ela teve uma crise violenta de desespero ao saber que seu filhinho de oito anos havia adquirido o vício deprimente de masturbação, pois infelizmente ela reconheceu que muito havia contribuído para isso.

É erro grave deixar as crianças brincarem em lugares ermos, afastados da vigilância materna e geralmente com companheiros mais velhos. As nossas domésticas, muitas vezes mais por ignorância do que por maldade, viciam as crianças desde muito cedo com hábitos que as prejudicarão mentalmente para o resto de seus dias. Não só cuidadosa escôlha deve ser feita pelas mães, mas ainda vigilância severa deve ser observada neste particular.

Mólhos muito condimentados, bem como bebidas alcoolicas, trazem excitamentos sexuais. Os banhos frios são geralmente ótimos auxiliares para acalmarem esses excitamentos. E a saúde perfeita, tendo para conservá-la a atenção materna que vela pela regularização dos intestinos,aju-

dará a criança a crescer pura, aprendendo a respeitar seu corpo, conservando-o pleno de saúde e equilíbrio mental.

Phimosis é um mal que aflige a muitos meninos, trazendo-lhes entre outros inconvenientes a masturbação. Não sendo filhos de judeus, entre os quais a circuncisão é obrigatória, os pais, na maioria das vezes, não dão solução a esses casos em que o auxílio rápido de um cirurgião evitaria sérios inconvenientes.

Roupas muito apertadas, que muitas vezes tanto têm de inestéticas como de incômodas, são também causas frequentes de masturbação em ambos os sexos desde os primeiros anos de vida.

Em conclusão, o lado sexual na vida da criança é tão importante como o lado mental. Não dar educação sexual à criança é por uma barreira entre pais e filhos, e aqueles nunca conseguirão que estes os façam seus confidentes. E dessa situação surgirá o vício com todo seu cortejo de infelicidades, onde avulta o despudor e a falta de caráter.

A educação sexual alargará os horizontes estreitos, e trará às gerações de hoje a noção clara do padrão único de moral, criando o respeito próprio e ensinando a respeitar a honra alheia.

*Eunice Weaver.*

\*

## CAPÍTULO I

Este folheto, Joãozinho, foi escrito especialmente para você e para mim. Vamos ler juntos, porque quero ler a certeza de que você entenderá tudo. Se, na leitura, houver palavras ou frases que você não entenda, peça-lhe que não pergunte. Esforçar-me-ei para responder suas perguntas da melhor maneira possível.

Vamos ler, você e eu, a respeito de cousas maravilhosas e belas. Há, como você sabe, muitas cousas belas no mundo. A laranja defronte à nossa casa, com sua folhagem verde e fresca; a roseira, coberta de botões de rosa;

os passarinhos que cantam de manhã cedo, perto de sua janela; os peixes que se avistam nas águas frescas dos pequeninos riachos e nos aquários e que nadam rapidamente numa e noutra direção — tôdas estas cousas são belas. Se não fôsem estas e outras cousas, vivas, este mundo seria monótono e sem atrativos. Que seria do mundo se não houvesse plantas, peixes, passarinhos, animais e homens? Nada, senão as rochas inamovíveis, a areia movediça e as águas solitárias. Você e eu não gostaríamos de viver em tal mundo.

Você provavelmente já notou que as cousas vivas mudam quase constantemente. Se algo não muda, dizemos que não têm vida. Aquelas grandes pedras das montanhas gigantescas da Gávea são hoje exatamente o que eram ontem, e se voltarmos no próximo ano, elas serão as mesmas. Não cresceram nada. A praia de areia em que você e seus amiguinhos brincam, muda somente porque vocês cavam buracos, mas a areia mesma não muda. Porém as flores, as árvores e os peixes, e você mesmo, Joãozinho, nunca são a mesma coisa dia após dia. Ontem você não era tão grande como hoje e amanhã você terá crescido mais que hoje. Nós, seres humanos, passamos da infância para a adolescência e desta para a mocidade e maturidade e, então gradualmente envelhecemos. Todos os seres vivos, plantas e animais, passam pelo mesmo ciclo de transformações.

Visto que tôdas as cousas vivas mudam e morrem, torna-se necessário que novas plantas e animais sejam criados para substituí-los. Se novas plantas, peixes, passarinhos, animais e pessoas não nascessem, a terra, em breve, não possuiria cousa alguma. Dentro de pouco tempo seria um vasto deserto, sem qualquer ser vivo.

## HISTÓRIA MARAVILHOSA DA VIDA

Isto, todavia, não acontece, porque tôdas as cousas vivas se multiplicam ou repetem-se em suas gerações. Cada planta e cada animal no mundo tem o poder de produzir plantas e animais semelhantes a si mesmos. A relva produz

nova relva; o carvalho, novos carvalhos; as belas violetas e tôdas as flores, novas flores; as galinhas, pintinhos; o gado, bezerrós; cachorros, cachorrinhos e as criaturas humanas seus bebês.

Como se realiza isto é uma história maravilhosamente interessante. Vou contar-lhe isto — como as flores fazem plantinhas que produzirão flores no ano seguinte; como os peixes, que nós comemos no almoço ou no jantar, já tomaram providências para que outros peixinhos os substituam; como os passarinhos atuam para que haja sempre na primavera novos filhotes e como sua irmazinha e você mesmo, Joãozinho, chegaram a existir.

A história da reprodução, como a chamamos, é uma história bela e maravilhosa. É bela, porque nos fala de cousas vivas que, como vimos, são as cousas mais belas do mundo. É maravilhosa, porque nos ensina cousas maravilhosas. Os homens têm realizado invenções espantosas, tais como automóveis, vapores e aeroplanos; mas nunca puderam inventar qualquer cousa tão admirável como a mais simples planta ou animal que se reproduz. No entanto, se Deus não tivesse concedido este poder de reprodução a todos os seres vivos, tanto às plantas, aos animais, como aos homens, teriam todos há muito tempo desaparecido da face da terra. Esta é a razão por que afirmo que essa história não é somente bela e maravilhosa, é sagrada.

Sobre cousas tão sagradas como estas fale sem acanhamento com seus pais, pois eles com sua experiência e o grande interesse que devotam a seu bem-estar futuro, podem e estão sempre prontos e mesmo ansiosos, para auxiliar a você, afim de que entenda bem estas cousas, e sempre responderemos a suas perguntas do melhor modo possível.

## CAPITULO II

Como você deve lembrar-se, Joãozinho, chegamos à conclusão de que os seres vivos são as cousas mais belas do mundo. E que, pelo fato de mudarem de aspecto e morrerem, em pouco tempo não haveria mais nenhum deles,

se novos não fossem produzidos. Quão triste não ficaria o mundo, se a relva verde, as belas flores, os passarinhos e todos os animais desaparecessem. Se você escutar com atenção, eu lhe direi por que eles não desaparecem.

Em primeiro lugar nós consideraremos as flores. Quantas e quantas diferentes espécies há: existem violentas e cravos, rosas e jasmims, camélias e amores-perfeitos, lírios e muitas outras, cujos nomes talvez você nem saiba. Tôdas estas flores são belas, e sentir-nos-íamos tristes se elas acabassem. As flores nascem de plantas e cada flor tem sua planta particular. Para haver uma rosa, é necessário existir uma roseira. Para que cresça o jasmim, é necessário que haja um jasmineiro. A camélia não nasce no pé do cravo, mas no pé de camélia, somente. Você sabe disso tão bem quanto eu, porque observa o jardim.

A roseira, como outras plantas, tem raízes pelas quais extrai a água e nutrição do solo. Você sabe que, se você cortar as raízes, a planta morre. Ela tem também fôlhas, pelas quais recebe o ar, mas, se os insetos continuamente as comerem, morrerá. Possui uma haste que sustém as fôlhas, mas, sem a seiva que vem das raízes, a haste morreria. Você sabe que as cravinas têm flores belas e lindas, estimadas pelas abelhas e que, depois que as flores fenecem e suas pétalas caem, os pequenos tocos deixados mudam-se em bagos cheios de sementes.

Estas sementes, se plantadas e regadas e se receberem ar e luz do sol, darão nascimento a pequenos cravineiros. Assim, cada ano, quando os velhos cravineiros morrerem, poderemos esperar novos, das sementes. As novas plantas produzirão belas flores, exatamente como as velhas.

Você já pensou na cousa maravilhosa que é a semente? Que uma pequenina semente de ervilha tem em si algo que cresce e se torna numa planta, e que a mesma tomará uma forma definitiva? Sua haste terá gavinhas; suas flores serão de ervilha e não de carvalho ou de chá. Produzirá flores que serão flores de ervilhas e não de pessegueiro; que terão seu odor particular; serão seguidas por vagens de ervilhas

e não pelas de outras plantas. Tudo isto e muitas outras cousas estão escondidas dentro das pequeninas sementes. Elas são tão maravilhosas. Joãozinho, que vou falar-lhe ainda mais sobre elas. Cada parte de ervilha ou de qualquer outra semente tem um trabalho especial a fazer. Há pouco falei a você sobre o valor das raízes, das folhas e do caule ou da haste. Todas estas partes têm trabalhos definidos. E sobre as flores? As flores devem ser utilizadas somente em vasos para embelezar a sala ou refeitório, ou para alegrar uma festa? Não; as flores, como as folhas, têm, também tarefas definidas. Elas entram na formação destas maravilhosas e pequeninas sementes.

No centro de todas as flores há um pistilo. Você perguntará: mas que é pistilo? Vou desenhar um para você ver. Ou, melhor, talvez encontremos um nesta flor, porque tenho receio que meu desenho não o ajude muito.

Eis aqui o pistilo. É esta parte, em linha reta, no centro da flor. Está cuidadosamente protegido. Como você vê, é mais largo na parte inferior. Há pequenas passagens de cima até em baixo do mesmo. Se cortarmos essa parte mais larga, em baixo, a pequena bola verde, na extremidade inferior da flor, veremos um número de pequeninos pontos. Estes pontos, ou óvulos, como chamamos, se transformarão mais tarde em sementes. As passagens no pistilo se dirigem para os óvulos.

Você já observou uma flor com bastante cuidado? Sei que você já esteve bem perto delas muitas vezes e que já tem metido nelas seu narizinho para sentir o odor. Fazendo isso, notei que, às vezes, você ficava com um pouco de um pózinho amarelo, do centro da flor, na ponta do seu nariz. Esse pózinho chama-se pólen. Passando o lenço, ele desaparece rapidamente e você não lhe dará importância nenhuma, mas o pólen é essencial na formação das sementes.

Quando as abelhas e as borboletas voam ao centro da flor, em busca de nectar, seus pés e asas ficam cobertos de pólen, exatamente como seu nariz. Então, quando voam novamente a outra flor, um pouco deste pólen amarelo cai

na parte superior do pistilo quando elas estão andando sobre a flor. Mas o pólen não fica na parte superior do pistilo. Pelas passagens do mesmo, das quais já falei a você, o pólen desce até os pontos pequeninos ou óvulos. Este processo se chama fertilização. Depois de se tornarem fertilizados, os óvulos crescem e tornam-se sementes. A não ser que o pólen penetre no pistilo, os pequeninos pontos brancos nunca poderão se transformar em sementes verdadeiras. Mas se penetrar com o auxílio das abelhas ou do vento, os pontos brancos se transformarão em sementes, e estas cuidadosamente plantadas, crescerão em lindas plantas, que ficarão cheias de flores, muito belas flores, que trarão alegria e felicidades para você e para mim.

### CAPÍTULO III

Em nossa última palestra, Joãozinho, eu lhe falei sobre as plantas, explicando como cada parte (a folha, o caule, a raiz, e a flor) têm sua função especial a desempenhar. Gostamos tanto de flores, que naturalmente temos interesse em conhecer as suas sementes. Já lhe contei como as sementes são feitas; um pouquinho de pólen, atravessa as pequeninas passagens do pistilo, em direção aos óvulos, que então, se transformam em verdadeiras sementes.

Hoje vou contar-lhe outra história, interessante. É sobre os peixes. Eu gostaria de saber, Joãozinho, qual é o seu conhecimento a respeito dos peixes. Você sabe que eles vivem nágua e você gosta de vê-los nadando de um lado para outra, e, mais tarde, talvez você queira pescar comigo. Mas você não sabe o que eles fazem em suas casas de água nem como vivem. Há milhares e milhares de peixes no mundo, e muitas pessoas vivem quase exclusivamente deles, como a maioria dos nossos índios que vivem à beira dos nossos grandes rios.

Vou dizer-lhe alguma cousa agora sobre o salmão. Ele vive no Oceano Pacífico e passa a maior parte de sua vida, longe da vista e do conhecimento dos homens. Nada no

fundo d'água, em busca de alimento. Passa, assim, dia após dia, alimentando-se e crescendo.

Finalmente, chega o momento em que o salmão sente um impulso, que não entende, que tem uma tarefa a realizar em algum rio, de água fresca. Ele se dirige, então, para a terra, e nada através de rios e riachos que partem do oceano. Vão aos milhares e dezenas de milhares. Os pescadores pescam-nos aos milhares e, depois de colocados em latas de conservas, são enviados por todo o mundo, para você e para mim e para milhões de outras pessoas. Você se recorda que há poucos dias tínhamos salmão em nosso jantar.

Mas, felizmente, nem todos os salmões são pescados. Os mais espertos nadam mais depressa, ainda que cansados, mas prosseguem no impulso que os trouxe do mar. Nadam contra a correnteza, até dos rios mais rápidos, e ainda que a água às vezes os leve de volta, eles se esforçam cada vez mais, até que chegam a um riacho muito estreito, no alto de montanhas frescas e sombrias.

Sabe por que o salmão trabalha com tanta energia para chegar lá, quando poderia estar passeando alegremente pelo oceano? Assim como o girasol produz girasóis e sementes de girasóis, o salmão também necessita produzir salmõezinhos, que crescerão mais tarde. A não ser que isso acontecesse, não haveria mais salmões no mundo. Mas o salmão não pode produzir salmões bebês nas águas escuras do mar, por isso precisa vir aos ribeiros onde há bastante sol e água fresca e clara.

Após dias de natação, como disse, o salmão chega aos riachos frescos das montanhas. Ali o salmão fêmea (porque os salmões têm também pai e mãe) pode trabalhar com segurança, em fazer salmõezinhos bebês. Ela escolhe um lugarzinho onde haja areia no fundo do riacho, e a água seja fresca e cristalina e, com sua cauda, faz um pequenino buraco. Deita-se sobre o mesmo e põe nêlo um número considerável de ovinhos vermelhos. Ela faz isto em vários luga-

res no riacho. Essa é a sua parte para conservar viva a família dos salmões.

A mãe dos salmões não sabe, como nós, que nenhum daqueles ovos pode transformar-se num salmão bebê, se o salmão pai não fizer a parte que lhe compete, isto é, fornecer alguma coisa do seu corpo para os ovos. Ele também subiu o rio, movido pelo mesmo impulso que atuou sobre a mãe. Depois que ela colocou os ovos no pequenino buraco na areia, o pai passa sobre eles e descarrega de seu corpo uma substância leve, chamada semen. Isto carrega milhares de pequeninos corpúsculos, semelhantes a girinos, mas muito menores, pois é necessário um poderoso microscópio para se poder vê-los. Chamam-se espermatozóides e são muito menores que os grãos de pólen da flor. Mas os espermatozóides têm a mesma função que os grãos de pólen. Por meio deles os ovos são fertilizados, como também na flor pelo pólen. Cada um destes corpúsculos pequeninos entra em cada ovo posto pela fêmea. Assim, cada ovo contém parte do corpo materno e paterno. Imediatamente começa a mudança, cresce, e finalmente torna-se um salmão-bebê. Se não fosse a substância, semen, isto não poderia acontecer.

Os salmõezinhos crescem, e, gradualmente, muitos nadam pelos riachos, rios, e finalmente voltam ao mar. Passam a sua mocidade no mar, como seus pais. Lá eles passeiam e têm suas aventuras e mais tarde, quando chega o tempo oportuno, eles procuram novamente a água fresca e cristalina dos riachos nas montanhas, onde a areia é macia e há bastante luz solar, e nesses lugares eles se tornam pais e mães de salmões-bebês.

#### CAPÍTULO IV

Tenho certeza, Joãozinho, que você, agora, conhece mais os hábitos dos peixes do que quando começamos nossa última palestra. Você compreende agora que o salmão sai do Oceano Pacífico, pelos riachos e rios de água fresca e, onde a areia é macia e há bastante luz solar, a mãe põe ovos. Somente quando o pai vem e passa sobre eles, colo-

cando uma substância, semen, e que se transformam em salmões-bebês. Naturalmente nem todos os peixes viajam tão longe como o salmão. Alguns passam a vida inteira no oceano; outros vivem em lagos ou lagoas. Mas tôdas as fêmeas põem seus ovos onde os pais possam fertilizá-los, porque, de contrário, não haveria mais salmõezinhos, nem peixes de qualquer espécie.

Você deve ter, com certeza, melhores conhecimentos dos passarinhos que dos peixes, portanto sei que você gostaria de ouvir a história deles também. Você vê que no inverno, tanto como no verão, grande quantidade de passarinhos nos alegram com seus cantos. Logo de manhã, ao nascer do sol e durante o dia todo, eles proclamam que é bom viver à luz da natureza, onde há árvores sombrias, e belas flores.

Mas eles nem sempre cantam para você e para mim ou para o sol brilhante. Cantam uns para os outros e afirmam que não é bom viver sózinhos no mundo. Asseveram que deve haver sempre passarinhos no mundo para contribuir para a felicidade do povo. Finalmente um passarinho macho encontra uma fêmea que combina com ele, e ambos concordam em construir um ninho e, assim, terão futuramente alguns passarinhos-bebês.

Como podem fazer isto? Ah! isso é um grande mistério que eles não compreendem. Mas tomam séria resolução; brincam e trabalham juntos os dois, separados do resto dos passarinhos do mundo, decididos a construir seu ninho. Quanto mais se encontram juntos, tanto mais afetuosos se tornam um para com o outro.

Uma vez escolhida a companheira, eles permanecem juntos o resto da vida, parecendo que muitas vezes o pássaro viúvo morre de saudades da companheira. Finalmente, chegam a um ponto de sua afeição em que vibra um em torno do outro. E esta é a razão: quando eles estão juntos, passa de um para o outro uma substância muito semelhante ao semen, que o salmão coloca sobre os ovos, e que contém milhares de corpúsculos vibráteis, pequeníssimos, ao

ponto de não podermos ver a olho nu. Mas cada um desses corpúsculos leva em si algo de passarinho, que entra nos óvulos que estão no corpo do passarinho mãe, para fertilizá-los. E, assim, com certo cuidado, poderão se tornar mais tarde passarinhos bebês, ou filhotes.

Sem aquela substância, os ovos não poderiam ser chocados. Isto quer dizer que eles podem crescer, e se tornar passarinhos-bebês.

A galinha põe ovos, de que tanto você quanto eu gostamos, pois o saboreamos, cozidos, fritos ou preparados como omeletes. Mas, a não ser que ela viva com um galo e receba dele uma certa substância que contém uma imensidade de corpúsculos, que fertilizam os ovos, ela nunca porá um ovo que possa se transformar num pintinho. Um ovo que não seja um futuro pintinho não tem valor nenhum para uma galinha. Se ela tivesse em seu ninho um ovo dessa natureza, seria o mesmo que ter uma pedra.

A mesma cousa acontece com a fêmea do passarinho. Tanto o macho como a fêmea poderiam construir o ninho e a fêmea poderia pôr ovos sózinha, mas nenhum deles sózinho poderia dar a vida a um filhote, sem o auxílio do outro. Assim, terão sua maior felicidade na vida, vivendo juntos, gostando um do outro, e cuidando dos filhotes.

## CAPÍTULO V

Quando entrar para o ginásio, Joãozinho, você estudará latim, a língua que os antigos Romanos falavam e escreviam. Talvez algum dia você leia uma sentença latina, escrita há muitos anos, e que traduzida corresponde ao seguinte: "Cada vida procede de um ovo". Você ficará surpreso em saber que isto é a expressão da verdade para quase todos os seres vivos. Você já compreende que o peixe nasce de um ovo e que o passarinho também, e você pode entender também que a semente de uma planta provém de um óvulo à base do pistilo. Mas você talvez pensa que os gatinhos e bezorros, burrinhos e bebês não provêm de

óvulos, porque você nunca ouviu falar disso e nunca viu o óvulo de um cachorro, de um cavalo ou de um sêr humano. Porém eles existem e todos os gatinhos e demais animais acima mencionados provêm tanto de óvulos quanto os pintinhos e passarinhos.

Então, como é que se explica que, se os animais provêm de ovos, você nunca ouviu falar nisso, ou nunca os viu? Porque os óvulos dos animais maiores e mais bem organizados, são pequenos demais para serem vistos a olho nú. Você, naturalmente, fica admirado em saber que o ovo de um animal tão grande como o cavalo, a vaca ou o elefante mesmo, seja pequeno demais para ser visto, enquanto um passarinho, como o beija-flor, põe ovos do tamanho de um grão de arvilha. A razão é a seguinte: o que chamamos o ovo do passarinho contém realmente duas cousas diferentes: primeiro há o pequeno óvulo mesmo, que deve crescer e transformar-se no filhote; segundo, há o suficiente alimento dentro da casca para suprir o passarinho até o tempo de nascer. O alimento guardado dentro da casca é tão bom para o passarinho como para você e para mim. Mas o óvulo da vaca e de outros animais não contém alimento, portanto pode ser muito pequeno, tão pequeno que somente um microscópio poderia habilitar-nos a vê-lo.

Estes óvulos são tão pequenos e diferentes dos ovos de galinha, de peixes, e mesmo de rosas, que não podem nem ainda que estejam fertilizados, viver fora do corpo animal. Podem ser cuidados devidamente, só dentro dos corpos de suas mães. Depois de um certo tempo, quando já cresceram e se tornaram bebês, então eles nascem. Mesmo depois de nascidos, eles carecem de ser cuidados durante longos períodos — os gatinhos, durante semanas, e os bebês durante anos. Na realidade, Joãozinho, você, que já conta com os seus nove anos, ainda não pode tomar conta de si e nem pode ganhar ainda a sua manutenção. Sua mãe e eu temos a felicidade de zelar por você e de tê-lo como nosso filhinho. O cuidado paternal dos filhos constitui um dos

mais preciosos privilégios. Se os filhos forem bons, honestos, leais e corajosos, os pais sentirão a mais profunda felicidade, muito, muito maior que o prazer que se consegue pelo dinheiro, em festas, em teatros, ou por meio de roupas finas ou qualquer outra cousa. Você nos faz, Joãozinho, à sua mãe e a mim, muito felizes, porque você tem sido um bom rapazinho, e nós tomaremos o máximo cuidado com você, até que você saiba cuidar-se de si mesmo.

## CAPÍTULO VI

Em nossa última palestra, Joãozinho, eu disse a você que os óvulos de todos os bebês de animais são muito pequenos, e que os bebês só podem ser cuidados, devidamente, durante muito tempo dentro dos corpos de suas mães. Com certeza, você querera saber como é que os ovos estão dentro da mãe e o que os faz crescer. Os ovos de galinha e de peixe estão dentro delas, as sementes de ervilha dentro da vagem; assim também, os óvulos de todos os bebês animais e humanos se originam dentro das mães.

Como você sabe, há em seu corpo várias partes. A planta tem raízes, caule, folhas, e flores, cada parte com um objetivo especial. Assim é o corpo humano: tem várias partes, cada uma com trabalho específico a desempenhar. O coração envia o sangue por todo o corpo; os olhos são os instrumentos da visão; os dentes, usamo-los para comer; os pulmões nos fornecem ar puro e purificam o sangue. Há muitas outras partes, tais como o estômago, o cérebro, os músculos, a pele, com suas funções específicas. Na região inferior do tronco do corpo de um rapaz, há duas glândulas chamadas testículos, que desempenham duas funções importantíssimas. Em primeiro lugar, fabricam uma substância que se transfere para o sangue exerce grande influência no desenvolvimento de um rapaz, passando para o período da mocidade. Se essas glândulas não existissem, ele não se tornaria um homem forte e vigoroso. O segundo objetivo é fabricar células muito pequenas, chamadas "espermias", semelhantes às pequeninas células de semen, de-

positadas pelo salmão sobre os ovos da fêmea. Assim, você percebe que, sem estas glândulas, um rapaz não poderia crescer devidamente, nem poderia tornar-se um pai. Naturalmente, quando um rapaz reconhece quão importantes são essas glândulas, ele terá muito cuidado em não prejudicá-las de forma alguma.

Na parte inferior do corpo da mulher, há também duas partes bem protegidas, chamadas "ovários", cujo trabalho é produzir óvulos. Sem eles, a mulher nunca poderia ser mãe de encantadoras crianças, porque dos óvulos produzidos pelos ovários se desenvolvem os bebês.

Mas nenhum óvulo produzirá um bebê, a não ser que seja fertilizado pelo esperma do pai. Eu já contei a você como são fertilizadas as plantas, quando o pólen, que é a parte masculina, é carregada ao pistilo da flor pela abelha, e passa através do mesmo às pequeninas sementes ou óvulos que são produzidos pela parte feminina. Já lhe falei do salmão, que percorre centenas de quilômetros, para fecundar os ovos da fêmea. Também já falei com você sobre os passarinhos, como eles se amam e como passa uma substância vital de um para o outro. Esta contém os corpúsculos que fertilizam os ovos, de modo que disto resultam os peixinhos e os filhotes de passarinhos. Os ovos dos peixes e passarinhos chocam fora do corpo materno.

Os mamíferos são animais semelhantes aos cachorros e gatos e seres humanos, que carregam seus filhos em seus corpos, agasalhando-os dentro do corpo materno, até que nasçam. Por esta razão é necessário que uma substância vital, semelhante aos corpúsculos do semen dos peixes, seja colocado pelo pai no corpo materno, onde encontrará oportunamente, no lugar respectivo, o ovo. E é uma coisa maravilhosa, que os pais e mães e outros animais machos e fêmeas estão constituídos de tal forma, que isto é possível.

O pai fertiliza os ovos no corpo materno. Então, no ninho seguro que se forma lá, o ovo cresce e se desenvolve, até que se torna suficientemente forte para viver ao ar livre.

Quando o pequenino animal sai do ninho materno, dizemos, então, que nasceu.

Quando o homem e a mulher se amam muito e cada qual pensa no outro, como a criatura mais querida e mais maravilhosa do mundo, casam-se e vivem juntos. Então, se estiverem seguindo as leis de Deus, eles farão no fundo um lar muito feliz, tendo mimosas crianças. E não há nada, Joãozinho, que faça um lar mais feliz, do que a companhia de lindas e queridas crianças. Sua mãe e eu sabemos disso, porque temos você conosco.

## CAPÍTULO VII

Creio, Joãozinho, que eu lhe tenho dito, sobre este assunto, tudo quanto os seus anos permitem. Mas, quando você tiver 13 ou 14 anos, eu arranjarei outro livro para você. Todavia, se você tiver quaisquer perguntas sobre o que temos conversado, faça-as à sua mãe ou a mim, mas não converse com outras crianças sobre isso. Muitas crianças não sabem nada dessas cousas, porque seus pais não lhes falam sobre o assunto, e o que elas pensam que sabem, pode estar errado. Por esta razão não falemos sobre isto fora de casa.

Espero que entenderá melhor agora a razão por que sua mãe e eu o amamos tanto. É porque nós lhe temos dado muito de nós mesmos. Você nasceu, porque nós nos amávamos. Enquanto o salmão, macho ou fêmea, não se incomodam se os salmoezinhos vivem ou não, depois de nascerem, nós temos o máximo cuidado com você, pois já está ficando um rapazote crescendo. Continuaremos cuidando de você, alimentando-o, vestindo-o, dando-lhe um pequeno quarto e tudo o mais que, pudermos, até que possa cuidar de si mesmo. Sentimos a maior felicidade em fazer tudo isso.

Queremos que seja feliz, muito, muito feliz, enquanto está sob nosso cuidado. Desejamos também que saiba que temos passado privações, temos sofrido muito por sua causa. Quando você era pequenino dentro do corpo de sua

mãe, ela correjou você por muito tempo bem perto de seu coração, num ninhozinho quente e macio, até que chegou o momento de você nascer. Sua mãe sofreu muito por você, nessa ocasião, e depois que você nasceu, nem sempre foi fácil cuidar de sua saúde. Houve ocasiões em que, você adoecendo, sua mãe e eu ficávamos cuidando de você a noite inteira. Sentiamo-nos porém alegres em fazer isso, porque nós o amamos muito, e você sente-se feliz e nos ama, porque temos feito muito por você.

Com certeza, Joãozinho, você tem achado a história da continuação da vida, quer das flores, quer dos peixes e passarinhos, quer dos seres humanos uma história interessante e maravilhosa. Reconhece, mesmo, por que a chamei sagrada. A medida que você crescer, entenderá melhor. Em toda a vida você não encontrará uma história mais linda ou mais maravilhosa. Nem todos reconhecem isto, nem todos vêm a sua maravilha e beleza. Mas você já conhece um pouco, e nos anos futuros terá ainda melhores conhecimentos. Este é o desejo mais sincero de sua mãe e de seu pai.

\*

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da  
"Revista do Ensino" são vendidas a  
Cr\$ 80,00 cada uma. Pedidos à Direção.

## Meu Credo Pedagógico

JOHN DEWEY

N. R. — O Credo Pedagógico de John Dewey, resumo feliz feito pelo grande filósofo da educação mundial da sua orientação em assuntos pedagógicos, pode ser apontado como um dos documentos mais importantes da história da educação no mundo. A sua repercussão foi imensa. Em todos os quadrantes da terra as idéias de John Dewey, o Mestre Emérito da Columbia University, têm sido aplicadas, atacadas, elogiadas ou combatidas. Atendendo ao pedido que nos foi formulado por um grupo de professorandas de um dos Estados, publicamos hoje o famoso documento por julgarmos de grande utilidade para todos quantos se dedicam à tarefa de educar.

### ARTIGO 1.º

#### *O que é a Educação*

Creio que:

Toda educação se faz, levando o indivíduo a participar da consciência social da raça. Este processo começa quase inconscientemente desde o nascimento do indivíduo e continua, formando seus hábitos, educando suas idéias e despertando seus sentimentos e suas emoções. Por meio desta educação inconsciente o indivíduo chega aos poucos a participar dos tesouros intelectuais e morais, que a humanidade tem conseguido acumular. Torna-se assim um herdeiro do capital constituído pela civilização. Nem mesmo mais a educação formal, nem a mais técnica, pode afastar-se deste processo geral. A única coisa que poderá fazer, é organizá-lo e diferenciá-lo em algum sentido especial.

A única educação verdadeira só pode ser realizada, estimulando as capacidades da criança com as exigências das situações sociais em que se encontra. Por meio dessas exi-

gências é ela incitada a atuar como membro duma unidade, a sair da estreiteza original de seu campo de ação e de sentimento e a considerar a sua própria pessoa sob o ponto de vista do grupo a que pertence. Por meio das reações dos outros às suas próprias atividades vai chegando a saber o que estas significam em termos sociais. O valor dela se reflete no seu "eu". E por exemplo, pelas reações provocadas pelos balbuciosos instintivos da criança é que esta chega a compreender o que significam esses balbuciosos.

Transformam-se eles em linguagem articulada, sendo a criança deste modo introduzida no rico patrimônio de idéias e emoções concentradas na linguagem. Possui este processo educativo dois aspectos: um psicológico, e o outro, social, e nenhum deles poderá subordinar-se ou descuidar um do outro sem acarretar consequências funestas. Entre ambos, o aspecto básico é o psicológico. São os instintos e as capacidades da criança que fornecem o material e constituem o ponto de partida para toda educação. Excetuando os esforços do educador relativamente a alguma atividade realizada pela criança, por iniciativa própria, independente do educador, a educação nos parece uma pressão exercida de fora. Isto pode de certo, dar alguns resultados exteriores, mas nada tem de verdadeiramente educativo. Sem um conhecimento suficiente da estrutura psicológica e das atividades do indivíduo, o processo educativo será por aí mesmo infeliz e arbitrário. Se por acaso coincidir com a atividade da criança, poderá alcançar algum resultado; senão operar-se uma fricção, ou desintegração, ou retenção na natureza da criança.

O conhecimento das condições sociais, do estado atual da civilização, impõe-se a uma interpretação adequada das capacidades da criança. Esta possui seus próprios instintos e tendências; desconhece entretanto sua significação, até o momento em que os pudermos traduzir por seus equivalentes sociais. Temos que fazê-los regressar a um passado social, considerando-os como heranças de anteriores atividades raciais. Temos também que poder projetá-los no fu-

turo, compreendendo seus resultados e sua finalidade. Voltando ao exemplo já citado: a capacidade para descobrir nos balbuciosos da criança a promessa e a facilidade de uma futura inter-relação e conversação, é o que nos permite desenvolver devidamente este instinto.

O aspecto psicológico e o aspecto social acham-se organicamente relacionados, não podendo a educação ser considerada como um compromisso entre ambos ou como uma superposição de um ao outro.

Costuma-se qualificar de estéril e formal a definição psicológica da educação; diz-se ainda que ela nos sugere unicamente uma idéia de desenvolvimento de todas as faculdades mentais, sem fornecer-nos a noção do emprego destinado a essas faculdades. De outro lado, chega-se à conclusão de que, a definição social da educação, — estudada como adaptação à civilização, — faz dela um processo forçado e exterior, resultando na subordinação do indivíduo a um estado social e político já preconcebido.

Cada uma destas objeções é verdadeira, se se apresentar separadamente cada um dos dois aspectos. Para saber o que realmente é uma faculdade, devemos conhecê-la quanto à sua finalidade, seu uso e sua função, sendo isto somente possível, concebendo-se o indivíduo como um ser, cuja atividade se exerce em relações sociais. Por outro lado, a única adaptação que, nas condições existentes, podemos dar à criança, é a de colocá-la em plena posse de suas finalidades. Com o advento da democracia e das modernas condições industriais, é impossível predizer o que será, de uma maneira definitiva, a civilização daqui a vinte anos. Por conseguinte, é impossível preparar a criança para uma série precisa de condições. Prepará-la para a vida ulterior, significa: proporcionar-lhe o domínio de si mesma; significa: educá-la, de modo que alcance o pleno e rápido uso de todas as suas capacidades; que seus olhos, ouvidos e suas mãos possam ser instrumentos prontos a obedecer; que sua capacidade de julgar possa apreender as condições em que há de trabalhar e, que sua força de execução sejam prepara-

das para atuar econômica e eficientemente. É impossível conseguir este gênero de adaptação, sem levar em conta as faculdades, os gostos e interesses próprios ao indivíduo, isto é, se não se traduz a educação em termos psicológicos.

Em resumo: Creio que o indivíduo por educar é *um indivíduo social* e, que a sociedade é uma união orgânica de indivíduos. Se, da criação, eliminarmos o fator social, ficamos apenas com uma abstração; se, da sociedade, eliminarmos o fator individual, ficamos unicamente com uma massa inerte e morta. Daí se deduz, que a educação deve principiar por um conhecimento psicológico das capacidades, dos interesses e hábitos da criança. Em cada ponto há de ser ela controlada, relativamente às mesmas considerações. Essas faculdades, esses interesses e hábitos hão de ser constantemente interpretados e, devemos saber *o que significam*. Têm que ser traduzidos pelos termos de seus equivalentes sociais, pelos termos daquilo que são capazes de realizar no sentido da *utilidade social*.

## ARTIGO 2.º

— O que é a Escola.

Creio que:

A escola é antes de tudo, uma instituição social. Sendo a educação um processo social, a escola representa simplesmente aquela forma de vida em comum, na qual se têm concentrado todos os meios mais eficazes para levar a criança a participar dos recursos herdados da raça e a utilizar suas próprias faculdades para fins sociais.

A educação é, pois, um processo de vida, e não uma preparação para a vida ulterior.

A escola deve representar a vida presente, uma vida tão real e vital para a criança, como a que vive no lar, na vizinhança ou no campo de jogos.

A educação que não procede por meios de formas de vida, formas, dignas de serem vividas por si mesmas, é

sempre um pobre sucedâneo da verdadeira realidade e tende à paralisia e à morte.

A escola, como instituição, há de simplificar a vida social existente, há de reduzi-la a uma forma embrionária. A vida atual é tão complexa, que a criança não pode ser posta em contacto com ela, sem experimentar confusão ou distração. Fica então, ou oprimida pela multiplicidade de atividades que surge, levando-a quase a perder a faculdade de reagir ordenadamente, ou, fica de tal modo estimulada por essas diversas atividades, que suas capacidades são prematuramente postas em jôgo, chegando assim a especializar-se ou a desintegrar-se indevidamente.

Tal qual a vida social simplificada, a vida escolar há de surgir gradualmente da vida doméstica, assumindo e continuando as atividades, com as quais a criança já está familiarizada no seu lar. A escola há de oferecer à criança essas atividades e há de repeti-las, para que ela assim aprenda gradualmente sua significação, tornando-se capaz de exercer seu papel em relação a essas atividades.

É este papel uma necessidade psicológica, por ser o único meio de assegurar a continuidade no desenvolvimento da criança, o único meio de proporcionar um cabedal de experiências passadas às novas idéias ensinadas na escola.

É igualmente uma necessidade social, porque o lar é a forma de vida social, na qual tem vivido a criança, que em relação a ele tem recebido sua educação moral. Compete à escola aprofundar e ampliar o sentido dos valores concentrados na vida doméstica da criança.

Grande parte da educação atual fracassa, porque esquece este princípio fundamental, segundo o qual a escola representa uma forma de vida na coletividade. Uma parte da educação entende por escola, um lugar, onde se fornece certas informações, onde se aprende certas lições e onde se adquire certos hábitos. Compreende-se que tudo isso tenha valor em um futuro remoto; a criança fará estas coisas por causa de outras que virá a fazer, como tal, são elas uma mera preparação. Como resultado, não chegam a cons-

tituir parte da experiência vital da criança, não sendo realmente educativas.

A educação moral há de basear-se sobre este conceito da escola como uma modalidade de vida social, sendo a melhor e a mais aprofundada preparação moral precisamente a que se adquire, entrando nas mesmas em relações com outros indivíduos, com os quais formamos uma unidade de trabalho e de pensamento. Destruindo esta unidade ou dela se descuidando, os atuais sistemas educativos tornam difícil ou impossível a aquisição de uma verdadeira e sistemática educação moral.

A criança será estimulada e controlada em seu trabalho por meio de vida em comum.

Nas condições atuais, uma parte excessiva dos estímulos e do controle procedem do professor, pelo fato de não se haver considerado a escola como uma forma de vida social.

O lugar e o trabalho do mestre na escola não de ser interpretados sobre a mesma base. O mestre não se acha na escola, afim de impor certas idéias às crianças ou para nelas formar certos hábitos; mas ali está como membro de comunidade, afim de selecionar as influências que não de afetar a criança, e para ajudá-la a corresponder de maneira adequada a essas influências.

A disciplina escolar há de proceder da vida da escola considerada como uma totalidade, e não, diretamente do professor.

A missão do mestre consiste simplesmente em determinar, sobre a base de uma vasta experiência e de um saber, maduro, de que modo a disciplina da vida há de implantar-se na criança.

Todos os problemas referentes à classificação e à promoção da criança terão que ser estudados em relação à mesma medida (standard). Só se poderá admirar exames, no caso em que estes comprovem a aptidão da criança para a vida coletiva ou social, e revelem, em que lugar ela será capaz de prestar os melhores serviços e receber o auxílio mais forte.

## ARTIGO 3.º

*As matérias de ensino*

Creio que:

A vida social da criança é a base de concentração ou correlação em todo o seu preparo ou desenvolvimento. A vida social proporciona a unidade inconsciente e a base para todos os seus esforços e tôdas as suas realizações.

As matérias do programa escolar não de marcar uma diferenciação gradual, partindo da primitiva unidade inconsciente da vida social.

Fazemos violência à natureza da criança e dificultamos a obtenção dos melhores resultados para a introdução repentina a uma série de estudos especiais, "de leitura, escrita, geografia, etc.", fora de toda relação com a vida social.

O verdadeiro centro de correlação das matérias escolares não é a ciência, nem a literatura, nem a história, nem a geografia, porém as próprias atividades sociais da criança.

A educação não pode encontrar a devida unidade no estudo das ciências ou no assim chamado "estudo da natureza" ("Nature Study"), porque, tirando a atividade humana, a natureza em si mesma não apresenta uma unidade; a natureza em si é uma série de objetos diversos no espaço e no tempo, e toda tentativa para dela fazer o centro de trabalho, redundando na introdução de um princípio, antes de dispersão do que de concentração.

A literatura é a expressão reflexa e a interpretação da experiência social; deste fato se depreende que ela deve suceder à dita experiência, e não antecipá-la. Não pode portanto ser a base, embora seja o resumo da unificação.

A história possui valor educativo, enquanto apresentar fases da vida social e de desenvolvimento neste sentido. Tem que ser controlado pela constante referência à vida social. Considerada simplesmente como "história", é ela relegada a um passado longínquo, tornando-se morta e inerte. Contemplada como uma relação entre a vida e o progresso social, adquire ela uma plenitude de significação.

Não obstante, creio que só poderá ser assim considerada, quando a criança fôr introduzida diretamente na vida social.

A base primordial da educação se encontra nas faculdades da criança, agindo segundo as mesmas linhas construtivas gerais criadas pela civilização.

O único meio de tornar a criança consciente de sua herança social, é fornecer-lhe a capacidade de realizar aqueles tipos fundamentais de atividade, que têm feito da civilização o que ela é.

As atividades denominadas expressivas ou construtivas são chamadas a ser o centro de correlação.

Na escola estas se exercem no domínio da cozinha, da costura, do trabalho manual, etc.

O que se deve intercalar, como meios de descanso ou de compensação, ou a título de conhecimentos adicionais, não devem ser, absolutamente, estudos especializados. Creio porém, firmemente, que êstes tipos de atividade representam formas fundamentais de atividade social; creio também que é possível e desejável que a iniciação da criança às matérias mais formais (ou abstratas) do programa se faça por meio destas atividades.

O estudo das ciências é educativo, enquanto expõe materiais e processos que contribuíram a tornar a vida social como ela é.

Uma das grandes atividades no ensino das ciências hoje em dia é que o material é apresentado sob uma forma puramente objetiva ou tratado como uma espécie nova e peculiar de experiência, susceptível de ser acrescentada à ciência que já possui. Na realidade, a ciência é a experiência que já possui. Na realidade, a ciência tem valor, porque proporciona habilidade para interpretar e controlar a experiência já adquirida. Tem que ser introduzida, não tanto como nova matéria, como, pelo contrário, mostrando os fatores pré-supostos na experiência anterior e fornecendo os instrumentos que possam facilitar e regular eficazmente esta experiência.

Na atualidade, muito se perde do valor do estudo da literatura e da linguagem pela eliminação do elemento so-

cial. Nos livros de pedagogia, a linguagem é quase sempre tratada como uma simples expressão do pensamento. É certo que ela é um instrumento lógico; mas, fundamental e primordialmente, a linguagem é um instrumento social. É um meio de comunicação, o instrumento pelo qual o indivíduo chega a participar das idéias e dos sentimentos alheios. Considerada apenas como um meio para fornecer informação ao indivíduo, ou como um meio dêste poder mostrar o que aprendeu, perde a linguagem sua razão de ser e sua finalidade social.

Não deve, por conseguinte, existir uma seqüência de estudos no programa escolar ideal. Se a educação é realmente vida, tôda vida observada por fora possui um aspecto científico, um aspecto de arte e cultura e um aspecto de comunicação.

Não pode, portanto, ser verdade, que, para um grau, os estudos apropriados sejam apenas a leitura e a escrita, e que, num grau ulterior, sejam introduzidas a leitura, a literatura ou as ciências. Não é na seqüência ds estudos que reside o progresso, e sim no desenvolvimento das novas atitudes e dos novos interesses relacionados com a experiência.

A educação há de ser entendida como uma contínua reconstrução da experiência, sendo o processo e o objetivo da educação uma e a mesma coisa.

Estabelecer qualquer finalidade fora da educação com o intuito de determinar seu objetivo e seu nível, equivaie a privar de grande parte de seu sentido o processo educacional; é isto que nos obriga ao emprêgo de estimulantes falsos e de ordem externa no nosso contacto com as crianças.

#### ARTIGO 4.º

##### *A natureza do método*

Creio que a questão do método se pode, em último recurso, reduzir à questão da ordem de desenvolvimento das faculdades e dos interesses da criança. A lei que preside à apresentação e à maneira de tratar as matérias, é a lei

implicada na própria natureza da criança. Assim sendo, creio que as seguintes afirmações são de uma importância suprema para determinar o espírito, no qual se deve aplicar a educação:

No desenvolvimento da natureza da criança, o aspecto ativo precede o passivo; a expressão se manifesta antes da impressão consciente; o desenvolvimento muscular precede o sensorial; o movimento se produz antes das sensações conscientes.

Creio que o estado consciente ("consciousness") é essencialmente motor e impulsivo; que os estados conscientes tendem a concretizar-se em atos.

O esquecimento deste princípio é a causa duma grande parte da perda de tempo e de energias no trabalho escolar. A criança é colocada numa atitude passiva, receptiva e absorvente. As condições em que se acha são tais, que não lhe permitem seguir a lei de sua natureza. O que para ela resulta, são prejuízos e fricções (ou incompatibilidades).

As idéias (processos intelectuais e racionais) procedem também da ação e se desenvolvem, a fim de melhor poder dominar a ação (control). O que chamamos "ação", é, antes de tudo, a lei de ação ordenada e efetiva. Tratar de desenvolver as faculdade racionais, as faculdades de julgamento, sem levar em conta a seleção e a ordenação dos meios em ação, constitui o erro fundamental de nossos métodos atuais para tratar este assunto. Resulta disto, que são símbolos arbitrários que apresentamos a criança. Os símbolos são de toda necessidade no desenvolvimento mental; serão entretanto empregados como instrumentos para economizar esforços; apresentadas por si, não passam de uma massa de idéias, impostas de fora, sem sentido e arbitrarias.

O instrumento magno do ensino é a imagem. Aquilo que a criança guarda de qualquer matéria que lhe é apresentada, são as imagens, que ela mesma ferma respectivamente sobre cada assunto.

Se nove décimos da energia aplicada em fazer aprender certas coisas a criança, fosse empregada no sentido de le-

vá-la a formar suas próprias imagens, a obra do ensino se acharia por aí infinitamente facilitada. Grande parte do tempo e da atenção dedicados ao preparo e á apresentação das lições, seria utilizado, com maior discernimento e proveito, na educação da capacidade imaginativa da criança e procurando ver, que esta vá continuamente formando imagens definidas, vivas e crescentes dos vários objetos, com que entra em contacto na sua experiência.

Os interesses constituem o sinal e o sintoma das faculdades latentes em vias de crescimento. Creio que representam futuras capacidades em germen. Por conseguinte, a observação constante e cuidadosa dos interesses é de máxima importância para o educador. Esses interesses têm que ser observados como sendo reveladores do estado de desenvolvimento alcançado pela criança.

São indícios precursores do grau que ela está prestes a atingir.

E somente pela observação contínua e simpática dos interesses da criança, que o adulto pode penetrar na vida infantil, descobrindo as disposições da criança e o material, sobre o qual ela poderia trabalhar da maneira mais rápida e proveitosa. Esses interesses não devem ser nem alimentados nem reprimidos. Reprimi-los, seria substituir a criança pelo adulto e enfraquecer assim a curiosidade e a vivacidade intelectual, suprimir a iniciativa e matar o interesse. Alimentar os interesses, seria substituir o permanente pelo transitório. O interesse é sempre o sinal revelador de alguma faculdade latente, cuja descoberta é o mais importante. Alimentar o interesse, é deixar de penetrar além da superfície, o resultado seguro sendo, neste caso, a substituição do capricho ao interesse genuíno.

As emoções são os reflexos dos atos.

Esforçar-se por despertar ou estimular as emoções separadamente de suas atividades correspondentes equivale a introduzir um estado de espírito mórbido e pernicioso.

Se pudermos assegurar hábitos corretos de ação e pensamento, no que se refere ao Bom, ao Verdadeiro e ao Belo, as emoções em sua maioria, serão por elas mesmas atendidas.

Ao lado da inércia e do absurdo, do formalismo e da rotina, não existe mal mais ameaçador para a educação do que o sentimentalismo.

Este sentimentalismo é o resultado necessário da tentativa empreendida para estabelecer o divórcio entre o sentimento e a ação.

#### ARTIGO 5.º

##### *A Escola e o Progresso Social*

Creio que: a educação é o método fundamental do progresso e da reforma social. Toda reforma apoiada simplesmente sobre uma aplicação de lei, sobre a ameaça de certos castigos ou sobre mudanças de organizações mecânicas e externas, são fúteis e transitórias.

A educação é uma regulamentação do processo de participação na consciência social; e a acomodação da atividade individual sobre a base dessa consciência social é o único método seguro de reconstrução social.

Tal conceito leva na devida conta os ideais individuais e sociais. Individual, ele o é seguramente, porque reconhece a formação do caráter como a única base verdadeira de uma vida fundada na retidão. Social, ele o é, porque reconhece, que esse caráter reto não há de ser formado por preceitos, exemplos ou exortações de natureza puramente individual, mas, ao contrário, pela influência de certo aspecto de vida coletiva ou em comum sobre o indivíduo, e porque por meio da escola, como órgão próprio, o organismo social é capaz de produzir resultados éticos.

Na escola ideal, temos a conciliação dos ideais individualistas e coletivos.

O dever da coletividade relativamente à educação, é, por conseguinte, seu dever moral supremo. Pela lei e pelo

castigo, por agitação e discussão, a sociedade tem meios de regulamentar-se e de constituir-se num conjunto menos fortuito ou infeliz. Pela educação entretanto, pode ela formular suas próprias finalidades, organizar seus próprios meios e recursos e colocar-se, com precisão e economia, no sentido em que deseja movimentar-se.

Uma vez que a sociedade tenha reconhecido as possibilidades desta direção e as obrigações impostas por tais possibilidades, é impossível conceber os recursos de tempo, atenção e dinheiro, de que poderá dispor o educador.

Quem quer que seja, que se interesse por educação, terá por missão insistir sobre o fato da escola representar o interesse mais essencial e efetivo para a realização do progresso e da reforma social, de sorte que a sociedade possa chegar a compreender a significação da escola e sentir a necessidade de dotar o educador com os meios suficientes e adequados para o preenchimento de sua missão.

Assim concebida, a educação representa a união a mais perfeita e mais íntima, que possa ser imaginada no terreno da experiência humana.

A arte de assim plasmar as capacidades humanas e de adaptá-las ao serviço social, é a arte suprema, que requer para seu serviço os melhores artistas; não há inteligência, simpatia, tacto, nem capacidade executiva (realizadora), que sejam demais para semelhante tarefa.

Com o desenvolvimento do estudo psicológico, aumentando o conhecimento da estrutura individual e o das leis de desenvolvimento; e com o desenvolvimento da ciência social, aumentando o nosso conhecimento da justa organização dos indivíduos, podem todos os recursos científicos ser utilizados para os fins educacionais.

Assim conjugados os esforços da ciência e de arte, alcançar-se-á o móvel mais decisivo para a atividade humana, estimular-se-á as molas mais espontâneas, que dirigem a conduta humana, ficando assim garantido o serviço mais eficiente de que seja capaz a natureza humana.

A missão do mestre é, não somente a educação de indivíduos, como também a formação da verdadeira vida social.

Todo professor deveria compenetrar-se da dignidade de seu mister, isto é: de ser um servidor da coletividade social, chamado a manter a verdadeira ordem social e assegurar o justo desenvolvimento social.

Destarte, o mestre é e será sempre o profeta do DEUS verdadeiro e o introdutor do verdadeiro reino de DEUS.

JOHN DEWEY

## REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

N.º 186 — ANO XV — JULHO — SETEMBRO DE 1947

SOCIOLOGIA : PEDAGOGIA — LEGISLAÇÃO —  
TÉCNICA E ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

*Director, prof. JOÃO BAPTISTA SANTIAGO*

CONTRÔLE TÉCNICO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Endereço: — "REVISTA DO ENSINO", — SECRETARIA DA  
EDUCAÇÃO — BELO HORIZONTE — TEL. 2-5900

PUBLICAÇÃO MENSAL

*Assinatura anual Cr\$ 50,00*

DISTRIBUIÇÃO GRÁTUITA AO PROFESSORADO  
DOS ESTABELECIMENTOS ESTADUAIS

TIRAGEM desta edição — 10.000 exemplares

## O progresso do ensino para adultos nos Estados Unidos

WASHINGTON (SIH) — Cerca de trinta anos atrás, Emily Griffith, professora de Denver, no Colorado, começou a fazer visitas às casas de alunos que estavam abandonando a escola. E descobriu a causa principal: quando os pais ou irmãos e irmãs mais velhos perdiam seus empregos, as crianças deixavam de freqüentar as aulas para servir de arrimo à família. Para a srta. Griffith — que tinha muita visão para o seu tempo — esta parecia ser a pior solução possível, e prontamente se lançou em procura de outra. O que ela estabeleceu — depois de conseguir o prédio de uma velha escola e um orçamento muito moderado da Junta de Educação local — foi a Escola de Oportunidades Emily Griffith — uma escola de "segunda chance" para adultos. Sob o lema "para todos que desejam aprender", esta escola, livre de qualquer pagamento, sistema de notas, registro de freqüência ou diplomas, ensinava o que quer que os alunos desejassem aprender — soldagem, a escrever, costura ou mineralogia. Durante o primeiro mês, inscreveram-se 600 pessoas. Hoje, freqüentam esta escola nada menos de 22.000 adultos que estudam 187 assuntos diferentes. Estudados como mecânica automobilística, refrigeração e instalação de ar condicionado formam as matérias pelas quais mais se interessam cerca de 2.000 antigos membros da escola. A exortação de sua fundadora, "que as pessoas façam o que puderem e da melhor maneira possível", ainda é o princípio norteador do estabelecimento.

No desenvolvimento da Escola de Oportunidades e outras instituições do mesmo gênero dos Estados Unidos, a educa-

ção de adultos — durante muitas décadas limitada a cursos de cidadania americana e inglês para estrangeiros — havia assinalado um grande avanço. Hoje, tal como naqueles dias, os estudantes freqüentemente se reúnem ao anoitecer na escola da comunidade, acomodando-se com algum cuidado em minúsculos bancos junto a carteiras cortadas a canivete. Os quadro-negros podem se apresentar cobertos de caligrafia infantil grande e irregular, deixada pelos ocupantes diurnos, e as paredes ostentando desenhos e textos das crianças. Para esses homens e mulheres que trabalham, porém, a sala se afigura como uma fronteira nova e sempre em expansão da educação adulta — onde novas ideias, línguas, artes e ofícios são postos ao seu alcance.

Nos últimos anos, sob o extraordinário ímpeto da procura de trabalhadores de guerra e veteranos, comunidades espalhadas por todos os sistemas permanentes de instrução para adultos. Assim, grupos locais, com o auxílio das administrações municipal, estadual e federal, organizações particulares e especialistas em pedagogia e nos varios campos da instrução, sobrepujaram obstáculos como a falta de alojamentos, livros adequados e "experimentados psicólogos". Inquéritos de âmbito nacional mostram que muitas "cidades médias" dos Estados Unidos possuem agora um programa sistematizado, compreensivo e especializado de educação para adultos, entremeados com cursos populares sobre casamentos, educação da vida em família, serviços domésticos, artes e ofícios e "aprimoramento da personalidade".

Num edifício denominado Centro Jackson de Educação Adulta, por exemplo, centraliza-se um programa experimental típico, em Jackson, no Michigan. Um conselho consultivo, a Associação Americana Universitária Feminina, o Conselho de Agências Sociais, o Conselho de Igrejas, organizações trabalhistas, a biblioteca pública e clubes de estudos infantis auxiliam a desenvolver o programa geral e provêm a sua direção. A qualquer grupo de adultos é permitido solicitar um curso, competindo ao conselho providenciar a sala de aula e o professor. Entre os últimos acréscimos ao currículo figuram cursos de eletrônica, psicologia de adoles-

centes, instrução civil, sobre a família, problemas relacionados com os jovens e o após-guerra. Uma recente série de palestras pelos engenheiros arquitetos da Universidade de Michigan acentuou o interesse reinante nas construções de após-guerra na escolha de local, tipo de contrato, desenho, financiamento, novos materiais, iluminação, aquecimento, decoração, guarnições e jardinagem.

Para as comunidades de exploração de minas e ranchos em torno de Trindad, no Colorado, o Junior College do Estado oferece cursos adaptados às necessidades locais. O treinamento de educação agrícola, serviço de rancho, extração carbonífera, primeiros socorros, salvamento em minas e segurança industrial vão de encontro às necessidades especiais de trabalhadores nas minas ou ranchos. Para as pessoas interessadas em comércio, há cursos de matemática comercial e vendas a varejo. Uma clínica de leitura ajuda a solucionar as dificuldades de língua. A cultura geral e o ensino vocacional incluem turmas de escrita, pintura a óleo e apreciação musical.

A escola de Topeka, no Kansas, se especializa em treinamento industrial e vocacional. Os cursos de economia doméstica abrangem treinamento de direção do lar, educação do consumidor, nutrição e de estofados. O departamento de ensino comercial mantém cursos de direito, técnica de venda, letreiros, mercearia e comércio de carne, dietética e revisão tipográfica. Existem também cursos de trabalhos em madeira, oficinas e mecânica, eletricidade e rádio.

"Quão útil éle nos é!" dizem muitas pessoas, referindo-se ao programa de estudo para adultos. E dessa forma externam seu apoio à nova educação de "segunda chance" para adultos — a fim de auxiliá-los a obter empregos melhores, compreensão geral mais profunda e melhor emprêgo das horas de lazer.